



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**O DISCURSO DE UM GRUPO EVANGÉLICO ACERCA DAS
RELIGIÕES AFRO-INDÍGENA-BRASILEIRAS**

TIAGO FELIPE DOS SANTOS CAMINO

ORIENTADOR: JOSÉ VAZ MAGALHÃES NETO

**JOÃO PESSOA - PB
SETEMBRO/2013**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

TIAGO FELIPE DOS SANTOS CAMINO

**O DISCURSO DE UM GRUPO EVANGÉLICO ACERCA DAS
RELIGIÕES AFRO-INDÍGENA-BRASILEIRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões na linha de pesquisa Religião, Cultura e Produções Simbólicas, sob a orientação do professor Dr. José Vaz Magalhães Neto.

**JOÃO PESSOA – PB
SETEMBRO/2013**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**O DISCURSO DE UM GRUPO EVANGÉLICO ACERCA DAS
RELIGIÕES AFRO-INDÍGENA-BRASILEIRAS**

TIAGO FELIPE DOS SANTOS CAMINO

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. José Vaz Magalhães Neto (UFPB)
Orientador

Prof^ª. Dr^ª. Idalina Maria Freitas Lima Santiago (UEPB)

Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Lemos (UFPB)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho às seguintes pessoas: Ana Luisa Camino, Cleonice Camino, Juan Camino, Karla Camino, Lara Ismael, Leoncio Camino, Paulo Victor de Barros Gomes, Ricardo Matos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus por sua benevolência para comigo. Também agradeço a CAPES pelo seu apoio e, igualmente, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões – PPGCR pelas contribuições realizadas a minha formação e ao meu orientador José Vaz Magalhães Neto por sua resiliência comigo. Agradeço, também, aos membros da banca examinadora, Idalina Santiago e Fernanda Lemos por suas valiosas contribuições à realização do presente estudo. Também deve ser registrado o agradecimento às seguintes pessoas: Ana Luisa Camino, Anderson Mathias, Célia Vasconcelos, Cleonice Camino, Leoncio Camino e Paulo Victor de Barros Gomes.

Um agradecimento especial a todos aqueles que colaboraram para esse estudo como participantes e à igreja que abriu suas portas para este pesquisador.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo principal analisar o discurso de religiosos e de religiosas de uma igreja evangélica pentecostal acerca das religiões afro-indígena-brasileiras. Outro objetivo da pesquisa foi verificar o contraste de discurso entre evangélicos e evangélicas, ou seja, perceber a diferença discursiva entre os sexos. Para realizar esses objetivos, foram feitas entrevistas e aplicados questionários, constando de perguntas sociodemográficas e de uma pergunta discursiva: O que você pensa sobre as “religiões afro-indígena-brasileiras” (candomblé, umbanda, jurema, etc.). Realizadas e aplicados, as entrevistas e os questionários, os discursos (dos dois sexos) foram analisados e comparados seguindo a perspectiva da análise de discurso e de conteúdo. Os participantes tinham média de 46 anos de idade, a maioria cursou até o Ensino Médio, era parda e negra e casada. Os resultados mostraram que: as religiões afro-indígena-brasileiras são as mais rejeitadas, as mulheres demonizam ou apresentam mais diferenças religiosas do que os homens e os erros conceituais mostram que os participantes temem o que não conhecem.

Palavras-Chave: Análise do Discurso. Análise de Conteúdo. Religiões Afro-indígena-brasileiras. sexo.

ABSTRACT

This research had as its main aim to analyze the discourse of male and female members of a protestant, Pentecostal Church about different religions, focusing particularly afro-indians-brazilians religions. We pretend to observe the existent sex's differences in the analyzed discourses. Looking forward to attain these objectives we interviewed our subjects assessing their socio-demographic data and asking an open question "What do you think about afro-indians-brazilians religions (Candomblé, Umbanda, Jurema, etc.)?" The participants were 46 years old, as a mean. Most of them have full secondary education, were black or Brown and were married. The results demonstrate: that the afro-indians-brazilians religions were the most rejected; that the women manifested more differences between religions, tending to demonize afro-indians-brazilians religions or present over religious differences and that the high number of conceptual mistakes show that the participants are afraid of what they don't know.

Keywords: Discourse Analysis. Content Analysis. Afro-indians-brazilians religions. sex.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	12
1.2 JUSTIFICATIVA	13
1.3 REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	15
1.3.1 AUTORES E CONCEITOS	15
2 ESTUDO DO DISCURSO: ANÁLISE DO DISCURSO	16
2.1 MOVIMENTOS PRECURSORES.....	16
2.1.1 PÓS-MODERNISMO	16
2.1.2 A TEORIA CRÍTICA.....	17
2.1.3 PÓS-ESTRUTURALISMO E ESTRUTURALISMO	18
2.1.4 A CRÍTICA SOCIAL - FOUCAULT	18
2.1.5 O CONSTRUCIONISMO	19
2.2 TIPOS DE ANÁLISE DO DISCURSO	23
2.2.1 ANÁLISE DO DISCURSO SOCIOLINGUÍSTICA	23
2.2.2 ANÁLISE CONVERSACIONAL	24
2.2.3 PSICOLOGIA DISCURSIVA	24
2.2.4 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	24
2.2.5 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO)	25
3 RELIGIÕES AFRO-INDÍGENAS-BRASILEIRAS.....	28
4 PRECONCEITO RELIGIOSO.....	33
5 GÊNERO NAS RELIGIÕES AFRO-INDÍGENA-BRASILEIRAS.....	34
6. GÊNERO DENTRO DO PENTECOSTALISMO.....	35
7 METODOLOGIA	36
7.1 AMOSTRA.....	36
7.2 INSTRUMENTOS.....	36
7.3 PROCEDIMENTO ÉTICO.....	37
7.4 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS.....	37
7.5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS	38
8 RESULTADOS.....	39
8.1 PERFIL DA AMOSTRA DOS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO.....	39

8.2 PERFIL DA AMOSTRA DOS QUE PARTICIPARAM DA ENTREVISTA	40
8.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	41
8.3.1 DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS	41
8.3.2 CATEGORIAS REFERENTES ÀS RESPOSTAS DOS HOMENS.....	43
8.3.2.1 Discussão das categorias referentes aos homens	49
8.3.3 CATEGORIAS REFERENTES ÀS FALAS DAS MULHERES.....	51
8.3.3.1 Discussão das categorias referentes às mulheres.....	55
8.3.4 COMPARAÇÃO DAS RESPOSTAS À ENTREVISTA CONSIDERANDO O SEXO DOS PARTICIPANTES	56
9 DISCUSSÃO.....	61
9.1.1 DISCUSSÃO DA COMPARAÇÃO ENTRE OS DISCURSOS DOS RESPONDENTES DO QUESTIONÁRIO E DA ENTREVISTA.....	64
10 DISCUSSÃO FINAL.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
APÊNDICES	73
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO	75
APÊNDICE C – MODELO DE ENTREVISTA	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Frequências e porcentagens dos dados sociodemográficos dos respondentes ao questionário	42
Tabela 2: Frequências de respostas emitidas pelos participantes, por categorias, na pergunta discursiva do questionário	43
Tabela 3: Participantes do sexo masculino da igreja evangélica	44
Tabela 4: Participantes do sexo feminino da igreja evangélica	44
Tabela 5: Frequências de respostas emitidas pelos homens, por categorias, considerando todas as perguntas da entrevista	46
Tabela 6: Frequências e porcentagens das denominações de religiões citadas pelos homens na entrevista	47
Tabela 7: Frequências de respostas emitidas pelas mulheres por categorias considerando todas as perguntas da entrevista	54
Tabela 8: Frequências das denominações de religiões citadas pelas mulheres na entrevista .	55
Tabela 9: Frequências de respostas, por categorias, considerando todas as perguntas da entrevista e o sexo dos participantes	59
Tabela 10: Frequências das denominações de religiões citadas por homens e mulheres na entrevista	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

ONG – Organização Não-Governamental

SEDUP – Serviço de Educação Popular

LGBTTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

ACD – Análise Crítica do Discurso

ECD – Estudos Críticos do Discurso

HIV/AIDS – Human Immunodeficiency Virus/Acquired Immunodeficiency Syndrome

PASW – Predictive Analytics Software

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta pesquisa é analisar o discurso acerca das religiões afro-indígena-brasileiras, de pessoas dos dois sexos, masculino e feminino, pertencentes a uma igreja evangélica pentecostal e de verificar se existem diferenças entre esses discursos.

Outros objetivos desta pesquisa foram: detectar os argumentos de exclusão e preconceito relacionados à religiosidade afro-indígena-brasileiras presente nos discursos; verificar a emergência de contra-discursos; comparar os discursos produzidos na entrevista e no questionário e conhecer o ideário religioso desse grupo.

Para realizar esse objetivo foi aplicado um questionário sociodemográfico a um grupo de 50 frequentadores da igreja, com o intuito de caracterizar a amostra. Em um segundo momento, foram selecionados 12 frequentadores e realizadas duas entrevistas grupais separando-se os participantes pelo sexo (masculino ou feminino).

Para analisar o material obtido nas entrevistas, foi utilizado o método de análise do discurso, considerando aspectos da análise de conteúdo¹.

1.1 APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Formei-me em biologia em 2002. Também acompanhei uma ONG (SEDUP) voltada para educação popular, porém, há muito tempo, o tema religião já me intrigava, inclusive já havia me incorporado a uma comunidade religiosa desde 1998, de maneira que as temáticas religiosas já me interessavam, só ainda não havia olhado para elas com uma perspectiva científica. Em 2010, já com a pós-graduação em ciência das religiões estabelecida, decidi investir nessa área e ingressei no curso como aluno especial. Meu interesse inicial não era delimitado até que fui apresentado ao professor da disciplina que trabalha com temáticas religiosas ligadas ao gênero e ao preconceito na perspectiva da análise crítica do discurso. Desse encontro veio a intenção de trabalhar com esses temas, mas ainda sem uma delimitação clara. Ao refletir sobre essas temáticas, resolvi pesquisar o discurso produzido a respeito das religiões afro-indígena-brasileiras.

A religião é um fenômeno universal no desenvolvimento da cultura humana, portanto é importante entendê-la. Por isso não é de estranhar que, desde sua origem, as

¹Análise de Conteúdo segundo Bardin (2009) é “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

ciências humanas tenham se dedicado ao estudo deste fenômeno. Assim, na sociologia temos os trabalhos de Durkheim e Weber; na Psicologia, Wundt, James, Freud, Jung...; na antropologia, Frazer, Malinowsky. Embora essencial e universal, a relação entre religião e desenvolvimento da cultura humana aparece como complexa.

Em nome da religião, o ser humano tem realizado tantos atos dignos de elogio como também atos reprováveis. De fato, a religião tem estado ligada a processos muito graves de exclusão social em relação a várias minorias: étnicas, de gênero, orientação sexual etc. Embora sem a intensidade que se percebe em outras partes, se pode ainda analisar no Brasil as relações existentes entre preconceito de gênero e religioso. Todos esses preconceitos poderiam ser investigados dentro das religiões afro-indígena-brasileiras, religiões reconhecidamente estigmatizadas e perseguidas, com mecanismos de resistência desenvolvidos e com uma voz anti-hegemônica. Considerando essa problemática, decidi pesquisar o discurso de protestantes, no que se refere às religiões afro-indígena-brasileiras, tendo em conta a variável gênero (sexo).

1.2 JUSTIFICATIVA

Atualmente as religiões afro-indígena-brasileiras constituem um espaço religioso que, mesmo tendo influência das religiões cristãs (haja vista os santos dentro do universo da umbanda), possui uma moral mais fluida e menos rígida e excludente do que as cristãs. Nelas não há pecado e sim, no máximo, interdições com muito mais teor religioso do que moral. Estas características têm feito com que grupos minoritários, nem sempre em termos quantitativos, mas também em termos de poder dentro da sociedade (mulheres e a comunidade LGBTTT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), tenham procurado as religiões afro-indígena-brasileiras. Além disso, essas religiões têm importante participação social intervindo em diversas áreas da vida humana. No processo identitário dos negros, na saúde, por exemplo, as religiões afro-indígena-brasileiras têm colaborado no tratamento de doenças através da administração de ervas e de outros elementos fitoterápicos. Os conceitos de distúrbios psicológicos são ampliados e os tratamentos não seguem a ortodoxia alopática.

Na área das políticas públicas, as religiões afro-indígena-brasileiras têm contribuído com a convocação de profissionais das áreas jurídicas e da saúde para darem plantões nos

chamados “terreiros” – Templos onde são cultuadas as divindades das religiões afro-brasileiras (SILVA, 2005).

As religiões afro-indígena-brasileiras funcionam também como um movimento social que luta pela valorização da figura do negro, fortalecendo a cultura africana e seu processo identitário (MANDARINO; GOMBERG, 2009).

Ainda com relação à postura das religiões afro-indígena-brasileiras frente à sociedade branca e cristã, percebe-se uma resistência das religiões afro-indígena-brasileiras num processo no qual as religiões afro-indígena-brasileiras estão em constante resposta ao preconceito e estigmatização de uma sociedade cristã que valoriza a “branquitude”. Visto que este estudo trata da análise de discurso de evangélicos sobre as religiões de matriz africana e indígena, a atenção estará principalmente focada nos aspectos mais preconceituosos do discurso.

No âmbito acadêmico, outra justificativa é que se constatou, na pesquisa realizada em periódicos (CAPES, SCIELO), um pequeno número de trabalhos que abordavam o tema das religiões afro-brasileiras na perspectiva do discurso. Quando se utilizou os descritores “religiões afro-brasileiras” e “discurso” nas bases de dados SCIELO e Periódicos Capes encontrou-se os trabalhos de Sansi (2009) e Segato (2003). Estes trabalhos realizam um levantamento histórico/cultural respectivamente, do candomblé e da tradição Yoruba. Nenhum artigo sobre o discurso de religiosos acerca das religiões de matriz africana e indígena foi encontrado.

Justificando a escolha do tema da pesquisa, sabe-se que as religiões cristãs: católicas e evangélicas têm tido, de uma forma geral, uma atitude preconceituosa em relação às religiões afro-indígena-brasileiras de natureza histórica, o que permanece até hoje. Para verificar esse preconceito em relação à religião evangélica e suas diferenças em função do sexo, procura-se o recorte por gênero; e uma justificativa pertinente baseia-se em que, academicamente, os gêneros apresentam perspectivas diferenciadas em vários temas: política, preconceito e empatia e outros. Assim, com respeito às religiões afro-indígena-brasileiras, acreditou-se que essas perspectivas diferenciadas também poderiam vir a ocorrer no decorrer da pesquisa.

1.3 REFERENCIAIS TEÓRICOS

1.3.1 AUTORES E CONCEITOS

Preconceito Religioso: os autores consultados a respeito desse tema foram Ivan Dias e Roney Andrade. O texto utilizado foi “Distâncias e Proximidades entre Neopentecostalismo e Religiões Afro-Brasileiras: A Constituição Social do Sentido” (DIAS; ANDRADE, 2011).

Religiões Afro-Indígena-Brasileiras: o autor consultado acerca do tema central dentro da pesquisa foi Vagner Gonçalves da Silva no livro “Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira” (SILVA, 2005a). Este livro fornece um panorama geral de todas as religiões afro-indígena-brasileiras.

Gênero: Foi consultada a autora Joan Scott no artigo “Gender: A Useful Category of Historical Analyses” (SCOTT, 1989).

Segue-se uma lista de obras e conceitos que serão referidos direta e indiretamente na pesquisa, que lançaram bases e/ou explicam: o construcionismo, a análise do discurso e a análise crítica do discurso.

Será utilizada a ideia de uma socioantropologia construcionista que não entende o social como coisa dada. Um começo para o entendimento dessa teoria construcionista, crítica da realidade, se encontra no livro *A construção social da realidade* de Peter Berger e Thomas Luckmann (1985). A ideia de uma realidade construída socialmente é o elemento central dessa obra e compõe a fundamentação teórica dessa dissertação.

Será adotada a perspectiva sobre sociedade e religião encontrada na obra *As Formas Elementares de Vida Religiosa* de Durkheim (1912). Nesta obra a religião é um produto da ação humana que depois passa a ser institucionalizada e reificada e é nessa perspectiva que a religião será analisada, sempre como “coisa” social. Mais especificamente, na pesquisa proposta, a religião será vista e analisada como geratriz de valores e costumes, além de ser um elemento de inclusão ou exclusão social. Em suma, a perspectiva que será adotada no presente trabalho é a de que os fatos sociais são produtos humanos, posteriormente reificados.

Os autores supracitados serão referidos no presente texto de forma indireta, pois suas ideias permeiam o construcionismo e a análise do discurso, como, por exemplo, o sistema simbólico como sistema de poder.

Segue abaixo uma lista de autores que serão diretamente utilizados.

O artigo *Análise do Discurso* (NOGUEIRA, 2001), faz um apanhado dos movimentos que contribuíram para embasar a análise do discurso, como o pós-modernismo, a crítica social, etc. Ela também descreve os tipos de análise de discurso (análise conversacional, análise crítica do discurso, entre outros). Por essa razão, as premissas deste artigo foram e serão utilizadas na fundamentação teórica.

A obra *Discurso e Poder* (VAN DIJK, 2008), e a ideia de que o discurso controla mentes e as mentes controlam a ação. Isso significa que é crucial controlar, em primeiro lugar, o discurso daqueles que estão no poder. Desde 1980 seu trabalho em Análise Crítica do Discurso – ACD – foi focado no estudo da reprodução do racismo no poder e na reprodução do poder de uma forma geral.

2 ESTUDO DO DISCURSO: ANÁLISE DO DISCURSO

O conceito de discurso, assim como a análise do discurso, tem tido um papel crescente nas ciências sociais contemporâneas. Este crescimento faz-se sentir através do aumento no número de estudos que utilizam os seus conceitos e métodos (HOWARTH, 2000, apud Nogueira, 2001, p. 3).

Apesar de todo o crescimento e desenvolvimento, não existe uma explicação geral para as teorias e os métodos da análise do discurso. De modo que, existem várias perspectivas e metodologias.

A análise do discurso é uma perspectiva que se baseia em movimentos precursores e que possui diversas versões. Veremos primeiramente alguns dos movimentos que lançaram os alicerces da análise do discurso e, em segundo lugar, as versões e perspectivas mais conhecidas.

2.1 MOVIMENTOS PRECURSORES

2.1.1 PÓS-MODERNISMO

Segundo Kvale (1992), Marshall (1994), Rosenau (1992) e Smart(1993) apud Nogueira (2001, p. 5), “o pós-modernismo, como um movimento intelectual, tem o centro

de gravidade não nas ciências sociais, mas, na arte, na arquitetura, na literatura e nos estudos sobre a cultura”. Ele lança novos conceitos dentro das ciências sociais: sai a objetividade e entra o relativismo, sai a totalização e entra a fragmentação. Lyotard (1989) apud Nogueira (2001, p. 6) destaca que “o pós-modernismo rejeita a ideia de que o mundo possa ser compreendido em termos de grandes teorias ou metas narrativas”. Para esta perspectiva, o evolucionismo, o marxismo e o conceito de inconsciente de Freud, enquanto construções teóricas que pretendem explicar as leis que regem, respectivamente, a vida animal, a vida social e o psiquismo humano são contestadas por suas abordagens absolutas e estanques. Os discursos pós-modernos são relativistas e a neutralidade científica do positivismo é posta em xeque tanto no seu caráter epistemológico quanto social, pois, qualquer verdade é um retalho ou um viés que repousa em um consenso. O absolutismo da ciência positivista é discutido e crenças relativas ao conhecimento, ao poder e ao *self* são vistas como um meio de legitimação de uma cultura ocidental e contemporânea. O pós-modernismo

rejeita a noção de que mudança social se baseia na descoberta e consequente alteração das estruturas subjacentes da vida social através da aplicação de uma grande teoria ou meta-narrativa [...] argumentam que a modernidade já não é mais uma força para a libertação e sim uma fonte de subjugação, opressão e repressão (LYOTARD, 1989 apud NOGUEIRA, 2001, p. 6).

2.1.2 A TEORIA CRÍTICA

Durante grande parte do século, tanto cientistas como filósofos empiristas procuraram manter as ciências fora do debate moral. A tarefa das ciências seria fornecer apenas descrições objetivamente corretas para o problema em estudo. Quando as descrições teóricas e as explicações estão imbuídas de valores lhes é retirada confiança, presumindo-se que distorcem a verdade tornando-se prejudiciais porque a-científicas (RIGER, 1992 apud NOGUEIRA, 2001, p. 8).

A teoria crítica sugere a necessidade de uma ciência social alternativa que atente à natureza da sociedade como uma totalidade histórica e não um agregado de determinantes mecânicos ou funções abstratas. Essa abordagem não pode ser livre de “valor” do ponto de vista da contemplação da realidade social, mas pelo contrário, deve estar ligada ao processo da sua transformação. A teoria crítica não é isenta, ela se insere no fluxo de mudança e estabelece que as “verdades” são produtos sociais.

2.1.3 PÓS-ESTRUTURALISMO E ESTRUTURALISMO

O centro de gravidade tanto do estruturalismo quanto do pós-estruturalismo situa-se na humanidade e na linguística. Nessas abordagens, a linguagem é vista como fonte para o significado da experiência estruturalista e pós-estruturalista. Ambas as correntes deslocaram o centro de atenção da pessoa individual para a esfera social, querendo dizer com isto que a procura da explicação do mundo social deve ser feita olhando para dentro do espaço linguístico que os indivíduos partilham uns com os outros, um espaço de tessitura social, de modo que a linguagem é fundamentalmente um fenômeno social.

Outro ponto em que os estruturalistas e pós-estruturalistas estão de acordo é que ambos se assumem como anti-humanistas. O anti-humanismo rejeita o essencialismo (uma essência única gerada dentro das pessoas) e a ideia de um *self* coerente propõe a suposição de um *self* em constante fluxo colocando os holofotes sobre a linguagem que é o foco de mudança tanto social quanto pessoal.

A teoria pós-estruturalista vê na linguagem o local onde as identidades podem ser desafiadas ou mudadas. Se a experiência pessoal tem apenas sentido e se estrutura através da linguagem e se esses significados não são fixos, mas em constante mudança, procura ou luta, então, a experiência pessoal está potencialmente aberta a uma infinidade de possíveis significados ou construções. O que significa ser mulher, ser criança ou ser negro pode ser transformado, reconstruído. Para os pós-estruturalistas a linguagem é a chave para essas transformações.

2.1.4 A CRÍTICA SOCIAL - FOUCAULT

A Crítica Social é outro movimento que combate a racionalidade e a objetividade e tece críticas ideológicas, sendo de importância capital para emergência do discurso e da análise do discurso. Para compreender este movimento, é fundamental ter em consideração os trabalhos de Michel Foucault (1972/79) sobre as relações entre poder e saber. Na visão de Foucault (1972, apud NOGUEIRA, 2001), o saber está intimamente associado com o poder. Foucault vê o poder não como uma posse de alguns, mas como efeito do discurso. Para ele, o poder e a resistência são dois lados da mesma moeda, o poder implícito num discurso é apenas manifesto de vida à resistência de outro. A ligação saber e poder constitui parte importante da crítica social à ciência tradicional. O poder conceitualizado

dessa maneira não é propriedade de uma pessoa ou grupo, é algo que qualquer pessoa pode exercer através do discurso. Estas ideias sobre o poder constituem ponto fulcral de alguns posicionamentos na análise do discurso, mais especificamente da abordagem da análise crítica do discurso.

2.1.5 O CONSTRUCIONISMO

O termo *construcionismo* era desconhecido na literatura em ciências humanas. Utilizado pioneiramente, embora de forma diferente, por autores como Seymour Papert (1994) e Kenneth Gergen (2001), para se referirem ao que faziam em educação e psicologia, o termo passou a designar principalmente a posição teórica, concebida por K. Gergen, de crítica à psicologia “moderna”, de modo que este autor se tornou referência central no movimento que desencadeou o construcionismo social, movimento que ocorre em oposição ao behaviorismo. Kenneth Gergen elaborou uma metateoria definida pelo próprio autor como pós-moderna e que denominou como “construcionismo”.

As ideias construcionistas estão espalhadas em outras áreas de conhecimento como a filosofia, sociologia e antropologia, antecedem a Kenneth Gergen e existem antes de receber essa denominação.

Esse construcionismo de longa data difere do de Kenneth Gergen; o ideal desse construcionismo, também chamado de construcionismo crítico, pode ser explicado pela ideia central de que o mundo social em toda sua diversidade e em todos os seus aspectos é produto da construção humana, cultural e histórica.

No olhar construcionista crítico, a realidade social é contextualizada e definida por fatores históricos e sociais, resultantes de nossas ações, ação do ser humano. Nesse ideário construcionista não há nada que não seja produto da ação humana; qualquer dimensão, por mais subjetiva que seja, é produto da prática humana. Vários estudos de várias áreas: história, antropologia, sociologia, já apontavam para a ideia de que tudo é construído.

A divergência dentro dos autores e as ideias do construcionismo crítico dão o caráter plural dessa corrente que recebe o nome de crítica não por uma postura negadora, mas por tentar produzir conhecimento mesmo com todas as variações. Essa pluralidade de ideias dentro do construcionismo é alvo de muitas críticas que afirmam incongruência na teoria em função da multiplicidade de ideias que levam por vezes a divergências, mas que são abrandadas pelos construcionistas que realçam os pressupostos em comum, e que, por vezes, ignoram as diferenças, mesmo que temporariamente.

Na tentativa de rebater as críticas, buscaram-se as ideias em comum e a possibilidade de entrelaçamento entre elas. O objetivo é manter uma unidade a fim de combater, entre outros conceitos, o da biologização, essencialismo e substancialismo. A ideia não é apagar a autonomia de cada vertente teórica, mas sim produzir interações metodológicas e teóricas. Essa perspectiva busca achar os pontos de interseção dentro de aspectos não congruentes, encontrar a ideia de fluidez social e da constante construção do social.

Sintetizando, o construcionismo crítico tenta uma unidade a partir da junção de várias vertentes das ciências humanas desde a sua origem. Esse sincretismo não é uma interdisciplinaridade arbitrária que junta elementos estranhos às ciências humanas; pelo contrário. As explicações biológicas deixam de levar em consideração as situações sócio-históricas que constroem o indivíduo e a sociedade. A ideia geral adotada pelos construcionistas é não pensar tudo em função do cérebro, mas pensar na mente, que não é propriedade do cérebro, mas sim algo construído com e pela sociedade.

A tese central do construcionismo é que todos os sistemas de poder político, moral e sexual são obras inteiramente humanas, circunstanciadas pela cultura, história e sociedade. A ideia da construção social vai de encontro à normalidade, a padrões de comportamento, rechaça a ideia de desvio, principalmente, no que tange à sexualidade, pois as normas de conduta não podem ser reificadas, tem-se que sempre observar seu caráter circunstancial, cultural e social, de forma que os estudos gays se apoiam na ideia da sociedade em constante fluxo e que as orientações sexuais não são estáticas no tempo e no espaço, mas sim têm múltiplos significados que dependem da situação sociocultural na qual elas estão inseridas.

Entre as ideias fundantes do construcionismo, destaca-se a que talvez seja a central: não há verdades universais e aculturais, e sim um contínuo processo de construção, como o próprio nome do movimento sugere, o conhecimento é algo provisório que deve ser constantemente construído. Não há nada dado, nem o ideário religioso, o que coloca em xeque as práticas religiosas, as quais, para Peter Berger (um autor citado no extenso universo do construcionismo), são fatos sociais nos quais a consciência do seu motivo gerador ou origem se perde ao longo da história e eles assumem caráter sacro.

Dessa forma, diferentes teorias e movimentos que carregam em si fundantes e, à sua maneira se opõem a uma ciência plenamente concreta e neutra, constituíram o motivo pelo qual esta pesquisa englobará várias ideias sob o termo de construcionismo.

Como já foi mencionado, o construcionismo não aceita elementos estranhos às ciências humanas, se opondo à geleia real que tenta explicar a cultura como um artefato de

fatores biológicos. Nessa perspectiva, a cultura não passa de uma adaptação dos antropóides aos fatores físicos. O substancialismo, o essencialismo e a biologização, além de supervalorizarem os processos biológicos, procuram uma verdade fixa que se opõe à ideia de uma sociedade dinâmica, fluida e definidora do homem (GERGEN, 2009). Esses argumentos de caráter biológico também fundamentam a ideia de raça superior, sexo frágil, homossexualismo (segundo essa perspectiva uma doença ou desvio), categorias estigmatizadoras e preconceituosas.

O termo construcionismo começa a ser usado com mais frequência, entre outras coisas, por ter como cerne a ideia do constante fluxo no homem e na sociedade sem ter categorias fixas e, conseqüentemente, não lida com a ideia de desvio nos temas ligados ao gênero e à sexualidade. Pelo contrário, a ideia de desvio é vista como arbitrária e excludente, de forma que ganha força a oposição ao “arbitrário cultural”, oposição que se realiza também nos movimentos gays, feministas, jovens que reivindicam uma mudança no mundo simbólico. O construcionismo tem um olhar particular em relação a esses temas: movimento gay e movimento feminista.

O construcionismo se opõe à ideia de uma heterossexualidade inata e também à ideia de desvio de uma norma. Segundo o construcionismo, não se nasce com o gênero, ele é construído. Nessa perspectiva, o mundo simbólico e cultural se impõe ao biológico, e as práticas eróticas e sexuais não podem ser vistas como elementos separados dos fatores sociais. Elas estão circunscritas a estes fatores.

Convém, pois, abordar rapidamente um aspecto da ideologia, objeto por excelência da crítica construcionista, a inculcação: um meio ideologizante pelo qual os indivíduos se tornam ingressos em uma cultura e aceitam os elementos culturais dessa cultura.

Para desafiar a culturação, a linguagem tornou-se o meio simbólico de grupos ligados aos movimentos gay, feminista, de jovens, etc. Cada grupo, ao se expressar à sua maneira, realiza crítica ao discurso ideológico, desafiando dessa forma a eternização do arbitrário, o que Bourdieu (1992) denominou como o mecanismo de sobrevivência das ideologias, definindo essas como arbitrárias, convencionais e contingentes. Em suma, no tocante à ideologia, ela rejeita tudo que está diferente da ordem: todas as possibilidades de transgressão ao que é visto como normal, a ideologia as transforma em patologia, em anormalidade.

A perspectiva de coisa construída adotada pelos estudos construcionistas também se aplica às práticas eróticas e sexuais que são cultural e historicamente estabelecidas.

A sexualidade, incluindo o gênero, é uma instituição sexual construída por elementos históricos e arbitrários, que com o tempo se cristaliza e se torna universal e eterna.

Em relação à direção que o construcionismo dá aos temas gênero e identidade sexual, pode-se afirmar que ele aponta para aquilo que é chamado de gênero e identidade sexual, papéis sexuais, ideias de masculinidade e feminilidade como uma construção histórica e social. Os estudos construcionistas possibilitam uma maneira de interpretar a realidade sexual e as práticas eróticas e do gênero, que fortalecem a tese da construção social da realidade, pois é disso que se trata sempre (SOUSA FILHO, 2007).

A construção da realidade se perde na história ou não é percebida, serve para entender as instituições, valores morais, religiões que se naturalizam, tornando-se uma realidade exterior, objetiva, coercitiva. As religiões, principalmente nas culturas arcaicas, são meios de se experimentar e inculcar os fatos sociais, como, por exemplo, os ritos de iniciação que naturalizam nos indivíduos o viver social daquele grupo. Esses ritos são meios de inserir os indivíduos na sua sociedade e naturalizar neles as normas dessa sociedade.

Para o construcionismo crítico, o homem modela a sociedade e a sociedade modela o homem, e ele é o único que pode modificar o que criou. Para ilustrar essa ideia pode-se reproduzir Geertz (1989) quando diz: “Sem homem certamente não haveria cultura, mas de forma semelhante e muito significadamente não haveria homem”.

No surgimento da fala, da lógica, do simbolismo, etc., em suma, da evolução do homem, a vida em grupo desempenhou um papel singular, pois a vida social requereu um salto cognitivo por parte do ser humano que teve que desenvolver meios de comunicação: significantes e significados, toda uma carga simbólica, e essa construção se deu em sociedade. De forma que a construção do ser é social e também multiforme.

Para dar a ideia desta multiformidade, o construcionismo recorre à história e à antropologia. Em relação à história, pode-se verificar que nas cidades estados como Atenas, na Grécia antiga, a prática homossexual era institucionalizada: o preceptor do sexo masculino iniciava o seu discípulo, também do sexo masculino, não só nas artes da guerra e nos estudos, mas também no sexo. Em contrapartida, homens, via de regra, não se apaixonavam por outros homens, o que revela que a categoria homossexual, incluindo suas representações, era outra, não tinha nada a ver com a representação que se tem de homossexual hoje em dia. Este fato histórico revela que os costumes e as representações são cambiantes. Outro exemplo: há uma etnia que habita na China e não tem a palavra

correlata ao “*amor*”, não existe esse conceito e a monogamia não é regra, a poligamia é amplamente aceita (SOUSA FILHO, 2007). Quanto à sexualidade, os estudos construcionistas demonstram igualmente que as práticas eróticas e sexuais são cultural e historicamente estabelecidas.

Para finalizar, no construcionismo a sexualidade é uma instituição social como qualquer outra construída, já que em sua construção nada difere de todo o processo de institucionalização da realidade (SOUSA FILHO, 2007).

2.2 TIPOS DE ANÁLISE DO DISCURSO

Os termos discurso e análise do discurso estão cada vez mais usados na literatura de psicologia, especificamente na psicologia social. Mas esses termos podem ter significados diversos, dependendo das tradições teóricas dos autores que os utilizam. Este domínio é atualmente muito vasto e complexo, o que torna difícil tanto uma definição única e simples de análise do discurso quanto uma descrição de todos os modelos. Mesmo estando longe de esgotar o tema, a análise de discurso pode ser descrita como o estudo da “fala” e de textos, que é constituída por um conjunto de métodos e de teorias que pretendem investigar quer o uso cotidiano da linguagem, quer a linguagem nos contextos sociais. Além disso, a análise do discurso oferece rotas para o estudo dos significados, uma forma de investigar o que está implícito e explícito nos diálogos que constituem a ação social, os padrões de significação e representação que constituem a cultura.

Em termos de modelo, os mais representativos são: a análise do discurso sociolinguística, a análise conversacional, a psicologia discursiva e a análise crítica do discurso (ou análise foucaultiana).

2.2.1 ANÁLISE DO DISCURSO SOCIOLINGUÍSTICA

Na abordagem sociolinguística, é a variação e a imperfeição da linguagem como um sistema, que constitui o foco de interesse (TAYLOR, 2001 apud NOGUEIRA). Os pesquisadores estudam a variação da linguagem em uso, para posteriormente relacionar essa variação com diferentes contextos sociais. Os analistas do discurso nessa abordagem focalizam-se prioritária e essencialmente na própria linguagem.

2.2.2 ANÁLISE CONVERSACIONAL

Na análise conversacional, por sua vez, o foco centra-se na atividade do “uso da linguagem”. Nessa abordagem estuda-se a linguagem como um processo, investigando o explícito ou implícito, aberto ou silenciado das relações (normalmente conversações) entre, pelo menos, duas partes, ou procuram-se padrões produzidos pelas personagens que se utilizam da linguagem.

2.2.3 PSICOLOGIA DISCURSIVA

Já na psicologia discursiva, os analistas procuram padrões na linguagem associados a determinado tópico ou atividade, isto é, procuram famílias de termos específicos e significados com eles relacionados. Um estudo pode focalizar-se na linguagem associada a uma ocupação particular, como por exemplo, a enfermagem ou a psicologia, ou a um determinado tema, como racismo. Interessa aos analistas identificar os padrões de linguagem que se encontram associados. Essa abordagem chama atenção para os novos termos que permitem às pessoas falar de coisas novas e entende a linguagem como situada dentro de um contexto social e cultural e não apenas nas interações. Os indivíduos não são apenas produtos do seu ambiente, agindo em função das escolhas dos repertórios interpretativos disponíveis. Eles assumem que o único processo psicológico que deve ser tomado em consideração é o desejo de ter “voz” e de negociar uma posição moral viável.

2.2.4 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Por fim, a análise crítica do discurso procura igualmente padrões, mas dentro de contextos mais amplos, associados a questões sociais ou com a cultura. Nessa abordagem, os discursos constroem identidades e relações sociais. Diferentes combinações de discursos relativos a mudanças sociais específicas produzem um novo e complexo discurso. Para Lombart (1995, apud NOGUEIRA, 2001) a união entre o discurso e a realidade social, cultural, política ou de outra ordem, localiza-se na produção desse discurso. O objetivo dos analistas que usam essa abordagem é essencialmente identificar padrões de linguagem com práticas a eles relacionadas e mostrar como essas constituem aspectos importantes da sociedade e das pessoas dentro dela (TAYLOR, 2001 apud NOGUEIRA, 2001). Essa abordagem toma frequentemente em atenção as origens

históricas e a natureza social do mundo. A análise crítica do poder envolve o estudo do poder, da resistência, da contestação e da luta. A assunção básica é que a linguagem que está disponível para as pessoas utilizarem permite e constrange não só as expressões de ideias, mas também aquilo que as pessoas fazem. A análise crítica do discurso é uma perspectiva multi e interdisciplinar que se articula ao construcionismo social e se interessa em analisar várias formas de desigualdades sociais, tais como as referentes ao gênero, à raça e a etnicidade com a perspectiva de transformar a pesquisa e as práticas. Dessa forma, essa abordagem introduz o conceito de poder e dá pistas para uma mudança positiva das práticas sociais. Será nesta perspectiva que se utilizará a análise crítica do discurso neste projeto e, portanto, ela será apresentada mais detalhadamente.

2.2.5 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO)

A análise crítica do discurso na perspectiva dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) surge no cenário internacional a partir de algumas publicações de teóricos como Fairclough, Van Dijk, Krass, Wodak, Van Leeuwen, entre outros.

Os ECD se apóiam na ideia construcionista da rejeição da neutralidade científica ou social. Não há neutralidade: nem do ponto de vista epistemológico, nem social. Não há neutralidade na investigação, nem do investigador nos ECD, e nem deve haver. Ao contrário, a postura do investigador deve ser engajada contra a exclusão social. O engajamento consiste na prática do desvelamento dos meios de reprodução da dominação, revela o papel do discurso na reprodução do poder.

Nos ECD, se parte da perspectiva de que o discurso controla a mente e, a mente, por sua vez, controla as ações, de modo que o controle dos indivíduos começa com o controle do discurso e dos meios de produção desse discurso, dos contextos nos quais ele é produzido e do acesso a esse discurso. Em suma, a proposta é desvelar as relações de dominação e a forma pela qual o discurso, que interessa aos que estão no poder, se transforma em senso comum. Essa é a razão de ser da análise do discurso que surge dentro do campo da lingüística, com a perspectiva de unir a análise de natureza linguística com a análise social.

A perspectiva ECD também procura o discurso de resistência, oferece a oportunidade para as minorias se expressarem.

A ideia dos ECD permite uma liberdade metodológica, embora em cada pesquisa se recomende o esclarecimento preciso do procedimento metodológico adotado. Em algumas

análises, para manter a clareza metodológica, se recomenda a explicação das categorias adotadas e sua justificativa de ser.

Na verdade, o emprego dos ECD deve congrega as seguintes ideias: a identificação de um problema ou injustiça social; a pertinência da investigação desse problema; a magnitude desse problema e a identificação de possíveis soluções. Depois de identificadas as distorções e/ou as exclusões, pode-se propor o esclarecimento que deve ser adotado, por exemplo, nos meios de comunicação e/ou nos currículos escolares. Na verdade, trata-se de um método transdisciplinar que também pode ser usado de forma suplementar a outras formas de pesquisas.

A perspectiva ECD vê o discurso como produção e reprodução do material da vida social e permite verificar a manutenção do *status quo* ou a resistência a ele. Sob esse prisma, o discurso é sempre reinventado dando roupagem a práticas políticas e ideológicas e essas práticas se articulam através de novas ordens discursivas. O discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados. O discurso não é só um cenário de luta política, mas também marca mudanças políticas, é um marco nas lutas pelo poder. A prática discursiva naturaliza as relações de poder e ideologias. As práticas sociais são meios de articular o que pode acontecer com o que acontece: seleciona certas possibilidades e exclui outras.

A perspectiva ECD é um modo de compreender as práticas sociais e organizacionais. O discurso oferece um modo de representar o mundo tanto de uma perspectiva individual como interacional entre as pessoas; é um modo de identificação, construção ou representação do indivíduo tanto quanto de identidades sociais e organizacionais.

O foco de pesquisa nos ECD está na análise de textos e eventos discursivos no intuito de perceber relações destes com outros textos e eventos discursivos e de estabelecer relação com o meio social no qual essas situações discursivas são produzidas.

Na interface entre a sociedade e a linguística, a grande contribuição está justamente no entendimento das relações entre linguagem e sociedade. Mas os ECD não são imunes às críticas. Nas análises que não levam em conta as falas, mas sim os textos, os críticos reclamam que os ECD não fazem maiores considerações aos receptores dos textos e que sempre interpretam o texto de forma tendenciosa e preconceituosa.

Outra fragilidade que pode ser assinalada é a falta de representatividade dos trabalhos em análise de discurso que, quase sempre, são feitos com um número pequeno de

participantes, de tal modo que as inferências não podem ser estendidas a um maior número de pessoas.

Outra inconsistência assinalada é a da suposição da naturalização de ideologias dominantes, que consiste na ideia, criticada, de que na superfície discursiva já há elementos sociais. O rebate a esta crítica consiste em que o sistema gramatical de uma língua está estreitamente relacionado às necessidades pessoais e sociais para as quais a língua irá servir. De modo que o discurso também deve ser visto como um exemplo de prática social, sendo, dessa forma, coerente realizar a análise das circunstâncias institucionais e organizacionais do evento comunicativo. Note-se que na perspectiva da ECD, os traços linguísticos não formam um conjunto arbitrário de formas e significados, eles mesmos apresentam relações de poder e discursos ideologicamente camuflados. É no intuito de desvelar as ideologias e as relações de poder que se utiliza a análise do discurso na perspectiva ECD.

Os ECD analisam as relações entre linguagem e sociedade. Esta abordagem pode ser traduzida como um conjunto de assunções ou metateoria na qual as metodologias são distintas e privilegiam os procedimentos analíticos que respondam satisfatoriamente as perguntas de cada pesquisa. Essa postura aberta de aplicação de método leva esses estudos a serem confundidos com partidarismo político e/ou posicionamento ideológico.

A abordagem ECD congrega um conjunto de fatores de análise que procura desvelar relações injustas de poder e construções ideológicas no discurso. Uma crítica aos ECD é que eles interpretam, em vez de analisarem os textos, partindo do pressuposto que determinada ideologia está presente no discurso. Para evitar a crítica que os métodos de coleta de dados e análise textual empregados pelos ECD não são claros e a crítica em relação à representatividade dos dados coletados, recomenda-se clareza sobre o universo ou a amostra a ser analisada. Para evitar conclusões ou extensões equivocadas é importante que a amostra seja bem delimitada e as análises se detenham na amostra escolhida e só dela façam relações.

A abordagem crítica do poder se caracteriza pela consideração das relações entre linguagem e sociedade. Nessa abordagem o discurso é tratado como um dos elementos das relações sociais. Ela serve para interpretar textos ou falas tendo como perspectiva os contextos sociais.

Essa abordagem serve para entender as relações sociais e os autores dentro de um campo de poder, seguindo a ideia de poder de Pierre Bourdieu (1992), entre outros, de que o poder se materializa nas instituições sociais, na mente, enfim, nos seres humanos.

A linguagem e outros artefatos discursivos se tornam substratos mais interessantes quando se imagina que a economia é baseada em informações, no simbólico, de modo que sempre há um discurso a ser encucado como modo de construção de identidades e como meio de validar o sistema.

Os estudos críticos têm como importante base os estudos Gramscianos. Segundo estes, a hegemonia se constrói segundo interações e relações dinâmicas e processuais. Em relação ao discurso, é nele que as relações são reproduzidas, contestadas e transformadas; o discurso representa e significa o mundo que se constrói e se reconstrói. O discurso se constrói da articulação entre linguagem e texto, que são os meios para se abordar as “coisas” sociais: eventos, práticas e estruturas sociais. Na análise crítica do discurso, o investigador olha para a linguagem como prática social e ideológica e para a relação entre interlocutores. Analisar o discurso é tanto analisar práticas de regulação de poder quanto olhar a linguagem como processo social norteado por três conceitos básicos: poder, história e ideologia.

Note-se que Fairclough (1999, apud MISOCZKY, 2005), um dos pioneiros da ECD, articula a linguística sistêmica funcional com a sociologia e se interessa pelos estudos críticos e interdisciplinares sobre a prática discursiva e a sua relação com a mudança social e cultural. Porém, não será essa perspectiva em toda a sua amplitude que será adotada na análise proposta pelo projeto, e sim a do discurso como prática social. A perspectiva adotada será a de discurso e sociedade: que enfatiza com maior determinação o contexto. Encontram-se nessa perspectiva os estudos sobre gênero, etnicidade, cultura, análise do discurso social e análise crítica do discurso.

3 RELIGIÕES AFRO-INDÍGENAS-BRASILEIRAS²

A história das religiões afro-indígena-brasileiras se confunde com a história da escravidão no Brasil, que se inicia no século XVI (em 1568 o tráfico de escravos negros é oficializado) com a vinda de várias etnias africanas, grupos de origens e culturas comuns, ao Brasil. Dessas etnias se destacaram dois grupos: os sudaneses e os bantos.

Os sudaneses englobam os grupos originários da África ocidental e que viviam em territórios hoje denominados de Nigéria, Benin (ex-Daomé) e Togo e

² Este tópico apresenta um recorte do capítulo “*Candomblé: Construção de um espaço para as minorias*” de autoria de Tiago Camino e José Vaz no livro “*História das Religiões: Temas e Reflexões*” organizado por Maria Lúcia Gnerre (CAMINO; VAZ, 2012).

englobam entre outros os Iorubas ou Nagô (subdivididos em gueto, ijexá, egbá, etc.), os Jejes (ewe ou fon) e os fanti-achanti. Os bantos englobam as populações oriundas das regiões localizadas nos atuais Congo, Angola e Moçambique. São os Angolas, Cacanjes, Bengalas, entre outros (SILVA, 2005a, p. 26-28) no livro “Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira”.

No Brasil, essas etnias entram em contato entre si e também com os brancos e ocorre uma intensa troca cultural e ressignificação religiosa, mas são processos que já se iniciaram antes. Na própria África, devido às relações de aliança ou de dominação entre os reinos africanos, era comum que cultos e divindades se difundissem de uma região para outra (SILVA, 2005a) no livro “Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira”. Além disso, o islamismo proveniente da África oriental tinha se estendido até a costa ocidental e o colonialismo europeu a partir do sec. XIII intensificou o contato entre brancos e negros. Pela ação da catequese religiosa, muitas tradições étnicas foram transformadas. O resultado não é uma religiosidade africana pura nem tampouco uma europeização, mas sim, uma ressignificação religiosa que já começa na África e continua no solo brasileiro.

Para entender a amplitude dessa ressignificação, precisa-se compreender as religiões afro-indígena-brasileiras, suas variadas ramificações e as influências culturais que as modelaram. Propõe-se uma divisão, já apresentada por Santos (2010), em três expressões ritualísticas africanas a fim de simplificar a descrição dessas religiões.

Na primeira divisão está o candomblé, expressão religiosa em que se cultuam divindades tais como: orixás, inquices, voduns e caboclos. Os nomes dessas divindades variam de acordo com a influência étnica. No candomblé, as divindades são louvadas através de rituais privados e festas públicas, que têm ênfase nos transes mediúnicos, que potencializam a energia mítica (o axé) fortalecendo o vínculo dos adeptos com as deidades. Dentro do candomblé existem dois modelos de culto mais praticados: o jeje-nagô e o angola. Os adeptos do rito jeje-nagô defendem seu modelo de culto como sendo o mais puro em relação às raízes africanas, de modo que os nomes das divindades e dos rituais são africanos e o sincretismo é mal visto. Já o rito angola procura enfatizar a herança das religiões bantos. Esse rito é aberto à influência católica e ameríndia. Outras variações do candomblé se desenvolveram em função da sua adaptação às diferentes regiões: Xangô em Pernambuco, Batuque no Rio Grande do Sul e Tambor de Mina no Pará.

Dentro da divisão proposta, outra religião de matriz africana é a macumba, que tanto é um nome genérico e pejorativo para as religiões afro-indígena-brasileiras, como é expressão religiosa que surgiu no Rio de Janeiro e se caracteriza por agrupar várias

entidades: orixás, inquices, caboclos e santos católicos em falanges ou linhas. Nos cultos, procura-se cultivar as linhas.

Última religião da divisão proposta por Santos (2010) é a umbanda que é conhecida como a legítima religião brasileira. Nasceu em Niterói no Estado do Rio de Janeiro, por volta das décadas de 1920 e 1930, através de dois fenômenos: a mediunidade de Zélio de Moraes e a intolerância dos espíritas ao fato de Zélio de Moraes sentir “estranhos ataques” onde ele tinha postura de um velho falando coisas sem sentido. Essas incorporações não eram bem vistas pela Federação Espírita de Niterói pelo fato de os espíritas identificarem esses espíritos como atrasados. Foi então que Zélio de Moraes recebeu o espírito do Caboclo das Sete Encruzilhadas perguntando por que eles repeliam esses espíritos por serem negros e pobres? A partir daí foi uma sucessão de fatos que levaram ao nascimento da umbanda, que se intitula como sendo a religião dos pobres e excluídos.

Nasce, assim, uma religião brasileira que mistura elementos de matrizes africanas, indígenas (na umbanda os espíritos dos caboclos são incorporados) e também elementos do kardecismo e do catolicismo, e que tem como proposta o desenvolvimento dos médiuns e das divindades (das escalas mais baixas, representadas por Exu a mais alta representada por outros orixás) que quando incorporam nos adeptos geralmente o fazem para trabalhar, receitando passes e atendendo ao público. Em termos do panteão (conjunto de deuses de uma nação ou de uma religião), cultuam-se entidades agrupadas em linhas ou falanges (orixás, caboclos, pretos velhos, erês, exu, pombagiras, ciganos, marinheiros, zé-pilinha, baianos etc.). Enfim, a umbanda reproduz no plano místico as condições de subordinação dessas categorias sociais, oferecendo a elas uma oportunidade de se desenvolverem no plano “astral”, ao contrário do que ocorre no plano “social”. Nessa variedade do panteão da umbanda se produz uma síntese no nível religioso das contribuições e contradições dos grupos formadores de nossa experiência social e histórica.

Além das religiões propostas por Santos (2010) é importante fazer menção às religiões afro-indígena-brasileiras com forte herança da cultura ameríndia, como o Catimbó. Esse culto começou a se expandir da Amazônia e traz elementos indígenas como a invocação de espíritos de caboclos chamados de mestres pelos adeptos, e também traz elementos católicos com a invocação de santos: mestre Santo Antônio. A função básica desse culto é a incorporação de espírito de mestre, a cura de doenças, receitar remédios e exorcizar as “coisas feitas” e os maus espíritos.

Outro culto religioso de tradição ameríndia é o da Jurema. Neste culto, encontrado no Nordeste, os adeptos tomam um chá da árvore jurema para se comunicarem com entes

espirituais. As entidades cultuadas nesses trabalhos são: os mestres, os orixás, as entidades da mata e alguns espíritos da umbanda, como pretos-velhos e pombagira.

Para finalizar, as religiões afro-indígena-brasileiras não constituem só um grupo de religiões com sistema de preceitos ritualísticos, mas sim uma herança cultural geratriz de valores, comportamentos e principalmente resistência. Pelo fato das religiões afro-indígena-brasileiras serem normalmente formadas por minorias sociais, funcionam como um discurso cultural paralelo e por vezes contra-hegemônico, de resistência (SILVA, 2005a; PARÉS, 2007).

Ritos:

O rito consiste em uma ação na qual se oferece uma dádiva aos seres sobrenaturais, sejam ele deus, deuses, deusas, espíritos ou entidades, com a finalidade de estabelecer com os mesmos uma relação ou vínculo a fim de provocar da parte deles uma ação benéfica e propícia (Vilhena, 2005). Essa ação se conjuga em uma linguagem própria harmonizada por música, dança e gesto, pois essa ação tem origem no imaginário, que por sua vez, se expressa preferencialmente por meio de linguagem simbólica. Continuando na definição de Maria Angela Viena: “Os ritos são uma ação pedagógica na medida em que ensinam formas sociais de comportamento, a exemplo dos ritos de passagem, veiculam conhecimento, preservam e comunicam tradições, preferências morais e estéticas e ensinam que atitude deve-se ter diante da vida e durante ela” (Vilhena, 2005 p.29). Segundo Barcellos (2005), pelos ritos a comunidade atualiza os mitos fazendo acontecer as origens para restabelecer o equilíbrio perdido no presente. Os ritos são mitos em movimento, por Barcellos (2005), e estão intimamente ligados não só aos mitos mas também ao panteão divino, os ritos abordados aqui serão: sacrifício, oferenda e iniciação.

Sacrifício: dentro da perspectiva de Maria Ângela Viena em Ritos Expressões e propriedades o rito sacrificial: é uma ação religiosa que mediante a consagração de algo ou alguém a uma divindade se estabelece, se mantém ou se restaura um relacionamento satisfatório entre a divindade e o ser humano (Vilhena, 2005). O sacrifício está ligado à natureza ou a personalidade da divindade a quem vão oferecer. O objeto de sacrifício é sempre um animal e o tipo e o sexo mudam conforme a divindade. O sacrifício faz parte da relação que une o adorador à divindade, na linguagem iorubana, por exemplo, a palavra êbó que serve para designar o sacrifício, exprime bem a ideia de que este momento

obrigatório, que é do percurso religioso, remete para a ideia de desatar, de libertar, de sair daquilo que se não fosse ele, não teria saído.

No candomblé baiano o sacrifício é em número de dois, pois o Exu deve ser sempre servido em primeiro lugar, e depois para a divindade cuja oferta se está celebrando.

Oferenda: as oferendas, por excelência, são a água, o óleo, as bebidas alcoólicas, sob a forma de cerveja ou aguardente e o sangue. Oferecem-se as bebidas alcoólicas aos deuses, antes de mais nada, pela alegria e exaltação que essa absorção provoca. Oferecê-las à divindade é, pois, convidá-la a participar na alegria dos seus adoradores e presidi-la.

Finalmente, o sangue é uma oferenda inseparável do sacrifício, justamente por que o sacrifício acumula os efeitos da consagração e as virtudes misteriosas da energia vital que passam do corpo da vítima para o altar dos deuses.

Iniciação:

O primeiro sentido da iniciação deve ser situado em tudo que concorre para dotar o crente do conhecimento teórico e prático relativos à sua fé, ou seja, o crente deve ser preparado para participar de toda a liturgia religiosa, pois existem palavras que somente podem ser proferidas por algumas pessoas e gestos que são realizados por determinados participantes e vetados a outros (Vilhena, 2005). O segundo é o do renascimento: a experiência espiritual e tudo aquilo que produz transformação (Boff,2001) conceito encontrado em várias religiões, no cristianismo, por exemplo, tem-se o batismo marcando o segundo nascimento, seguindo essa perspectiva o iniciado é radicalmente transformado pela iniciação e exterioriza com muita frequência essa transformação adotando um novo nome, uma nova forma de vestir, e às vezes também um novo regime alimentar.

O ponto central da iniciação no candomblé, por exemplo, se constitui na administração de ervas especiais que agem como drogas sobre as candidatas, reduzindo-as a um estado de hipnose.

Só um iniciado pode saber o que entra na confecção do altar de um deus, que palavras pronunciar, em que momento do rito e com que gesto e ação acompanham essas palavras. Assim como com os indígenas, algumas iniciações se dão em uma mata, onde o neófito fica isolado a fim de apreender conhecimentos práticos e teóricos, pois assim, os mitos são comunicados aos neófitos durante sua iniciação (Eliade, 2006).

O estado final da iniciação, a possessão é uma manifestação sempre pública e coletiva.

4 PRECONCEITO RELIGIOSO

Uma aversão às religiões afro-indígena-brasileiras percebe-se desde os primeiros contatos dos europeus com a cultura religiosa africana. Os olhares lançados por europeus, colonos e brancos sobre seus escravos africanos eram de desprezo e aversão, na medida em que esses fugiam do modelo cristão. Os costumes e práticas religiosas trazidos da África eram censuráveis aos olhares dos europeus, pois, para eles, através dos batuques, transes e danças quem se manifestava era o próprio demônio com sua influência nociva e destruidora, desfazendo a paz e a santidade da colônia. A existência de forte preconceito contra as práticas religiosas de africanos se manifesta por meio de uma perseguição oficializada, apoiada nos artigos 156, 15/158 do Decreto 847 de 11/10/1890 (DIAS; ANDRADE, 2011), os quais além da prática ilegal da medicina e do espiritismo proibiam a magia e seus sortilégios e o curandeirismo.

Hoje em dia a “cruzada” contra as religiões afro-indígena-brasileiras continua, só fez assumir outras formas. A perseguição deixa de ser oficializada e conduzida pela polícia, e passa a ser realizada pelas religiões de tradição cristã: católicas e evangélicas. Essa perseguição se acentua particularmente em relação às igrejas neopentecostais que se caracterizam por duas direções no discurso: em um pólo, o discurso que se encontra mais voltado ao pragmatismo de resultados, à prosperidade, às massas, ao embate espiritual: a luta contra as forças do mal não tem descanso e, nessa luta, a religiosidade afro-indígena-brasileira é promovida a alvo principal, é a religião a ser combatida; e, no outro pólo, um discurso menos voltado à pregação de práticas ascéticas tendo como resultado um arrefecimento do seu teor moral. Os neopentecostais inovam também em relação à sua gestão e estratégias: as igrejas funcionam como empresas que usam a mídia para propagação de sua mensagem (DIAS; ANDRADE, 2011).

A grande incitadora da perseguição às religiões afro-indígena-brasileiras é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) (DIAS; ANDRADE, 2011). Além de combater as religiões afro-indígena-brasileiras, o neopentecostalismo, ao afirmar sua legitimidade cristã, oferece experiência extática, mágica e experiência de transe religioso que, aliás, são experiências que também pertencem ao universo das religiões afro-indígena-brasileiras. Assim, é dentro do combate à possessão de entidades afro-indígena-brasileiras que a IURD constrói um forte instrumento para a conquista de novos adeptos.

Em relação ao tratamento atual reservado às religiões afro-indígena-brasileiras tem-se como exemplo a oração que inicia ou finaliza os cultos nas igrejas evangélicas pentecostais. Nessas orações, as pessoas repetem uma prece na qual rejeitam todas as experiências anteriores com o universo religioso afro e “exorcizam” qualquer “maldição” herdada ou adquirida através de “trabalhos”. Essas orações também são utilizadas nas situações de conversões, demonstrando assim uma necessidade de negar o universo religioso afro-indígena-brasileiro. Essa negação tanto se dá pelo fato das tradições afro-indígena-brasileiras serem uma voz contra-hegemônica dentro de um universo dominante cristão, como pelo fato de ser uma forma de eliminar a possibilidade de concorrência religiosa por parte das religiões afro-indígena-brasileiras.

Além da já citada aversão dos europeus em relação às práticas religiosas dos negros e indígenas, existem alguns aspectos que fazem as religiões afro-indígena-brasileiras serem religiões perseguidas: primeiro, elas fogem da concepção religiosa oficial por conter transe e sacrifícios; e também por reunirem minorias sociais dentro do sacerdócio: mulheres e comunidade LGBTTT, inclusive no panteão (universo divino) da umbanda figuras marginalizadas como prostitutas (pombagira), escravos (preto velho) são entidades cultuadas e convocadas (SILVA, 2005a).

5 GÊNERO NAS RELIGIÕES AFRO-INDÍGENA-BRASILEIRAS

Na literatura (BIRMAN, 2005) se verifica tanto “matriarcado” no candomblé (a presença feminina no sacerdócio, mães de santo), como a presença de homossexuais entre os adeptos, os homossexuais masculinos, ao desenvolver papéis femininos durante os cultos, podem adquirir prestígio como líderes religiosos.

“Em 1940, Ruth Landes já apontava para a presença de relações de gênero transgressoras nos cultos de possessão que ela observou na Bahia. Nestes, disse ela, os grupos domésticos tinham um feitiço de ‘matriarcado’ e grande parte deles dava abrigo a ‘homossexuais masculinos’. O seu relato etnográfico entrelaça relações de gênero, digamos, pouco usuais, com práticas de possessão e de poder que não se guiavam pela ortodoxia religiosa e moral, reconhecida pelos estudiosos desses cultos. O trabalho precursor de Ruth Landes, não por acaso, provocou reações nos círculos eruditos que, na época, defendiam como genuinamente ‘religiosos’ aqueles cultos que mais se aproximavam de seus próprios valores, o que incluía imagens positivas de uma cultura negra, de origem africana, moralmente próxima do cristianismo. É importante ressaltar que essa observação a respeito de uma liberalidade, principalmente em relação aos homossexuais, não é um consenso no estudo das religiões afro-indígena” (BIRMAN, 2005, p. 405).

Mesmo que a tolerância reservada à homossexualidade seja fluida, pois muda de terreiro para terreiro, é também algo sempre a ser conquistado através do carisma do pai de santo ou mãe de santo. As religiões afro-indígena-brasileiras, mesmo assim, representam uma voz contra-hegemônica que arrebanha várias minorias sociais. Nas celebrações religiosas afro-indígena-brasileiras, dentro e fora dos locais de culto, é percebida a integração de homossexuais à comunidade religiosa. Essa integração pode ser notada, principalmente no candomblé, pela presença homossexual nos terreiros, e também pela presença de figuras caricatas nos meios de telecomunicação. Ninguém se esquece de “Painho”, caricata figura que integrava um dos quadros de um programa humorístico na década de 80, interpretado pelo humorista Chico Anysio que fazia referência ao estereótipo de homossexual que compõe o imaginário popular acerca do pai de santo e sua sexualidade.

Arrematando, as religiões afro-indígena-brasileiras estão anos-luz à frente das religiões cristãs em relação ao tratamento dado às minorias, tolerando mais a homossexualidade (mudando de acordo com o terreiro) e permitindo a participação das mulheres no sacerdócio.

6. GÊNERO DENTRO DO PENTECOSTALISMO

As conversões das mulheres no universo pentecostal se dão em função de dificuldades domésticas e é uma escolha feita em prol da família, enquanto a escolha dos homens se dá mais por motivos individuais (MACHADO, 2010). Outro dado importante é que o número de mulheres convertidas ao evangelismo é consideravelmente maior, o que leva a crer que o universo feminino tem mais atributos convergentes com o ethos pentecostal, como ser dócil, tolerante e carinhosa. Além disso, o ativismo pentecostal é um espaço que permite as mulheres expressarem seu ideário religioso nas igrejas, praças e presídios, a uma ascensão na rede de sociabilidade e uma participação na esfera pública. Outra mudança no universo feminino é a entrada no mercado de trabalho, muitas vezes estimulada pelo discurso de apelo vitorioso voltado para o cotidiano, que impulsiona uma postura de mais ousadia e busca no mercado de trabalho, mesmo que o perfil dessa mulher não se enquadre em uma demanda do mercado, a espera de uma mão de obra mais qualificada, pois a maioria dessas mulheres tem baixa escolaridade e ainda tem de conciliar as atribuições domésticas (casa, filhos, etc.) com o trabalho fora de casa. A pertença a uma

igreja reforça a auto-estima, enfatiza o presente e estimula a busca da prosperidade. Outro espaço conseguido pelas mulheres no meio evangélico é no sacerdócio, mesmo que ainda não exista um levantamento de quais igrejas aceitem as mulheres no sacerdócio (MACHADO, 2010).

7 METODOLOGIA

Trata-se de uma investigação exploratória do discurso de grupos de religiosos e religiosas de uma igreja evangélica pentecostal acerca das religiões afro-indígena-brasileiras. Considerando que a análise de dados para se chegar ao referido objetivo foi o corpo teórico-metodológico da análise do discurso, na perspectiva dos ECD, tendo-se também adotado a análise de conteúdo como método, a pesquisa proposta é de caráter qualitativo.

7.1 AMOSTRA

Para alcançar os objetivos propostos, a presente pesquisa foi dividida em dois momentos. No primeiro, foi aplicado um questionário a 50 participantes evangélicos. Este questionário visou traçar um perfil dos participantes e obter uma resposta discursiva sobre as religiões afro-indígena-brasileiras.

Para o segundo momento, 12 religiosos se voluntariaram para participar. Esses religiosos foram divididos em dois grupos de seis participantes de acordo com o sexo (masculino ou feminino). Partiu-se da perspectiva de que seis participantes é o número mínimo para que se produzisse uma dinâmica minimamente aproveitável. Também se buscou a disponibilidade dos participantes. Neste segundo estudo, foi realizada uma entrevista semiestruturada.

7.2 INSTRUMENTOS

Foram utilizados na pesquisa dois instrumentos. Um questionário de perguntas referentes a variáveis sócio-demográficas, relativas à idade, sexo, grau de escolaridade, renda familiar e local de residência (Apêndice B). Este instrumento foi utilizado num primeiro momento da pesquisa. Neste questionário constava uma pergunta discursiva: “O

que você pensa sobre as religiões afro-indígena-brasileiras (candomblé, umbanda e jurema)?” Um outro instrumento foi constituído por uma entrevista semiestruturada que se baseou em um roteiro, permitindo que a conversação se iniciasse por determinados assuntos, mas que, por vezes, se desviasse para outras temáticas (Apêndice C).

7.3 PROCEDIMENTO ÉTICO

O projeto de pesquisa, enviado em 29 de junho de 2012 para o Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba, foi avaliado e aprovada a sua execução.

7.4 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

Primeiro foram procurados os líderes religiosos de uma igreja evangélica para a aprovação da pesquisa. Nesse momento eles foram informados de que a pesquisa seria realizada de forma a não causar qualquer tipo de prejuízo à rotina da igreja. Foram esclarecidos, também, acerca dos objetivos da pesquisa, do teor do projeto e do anonimato das identidades. Após a autorização, os participantes foram informados da pesquisa, de uma forma geral. Foram informados, também, sobre a possibilidade de desistência a qualquer momento, e do anonimato dos dados obtidos. Neste momento, ainda, o pesquisador pediu aos participantes, que concordaram em participar da pesquisa, para assinarem um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A).

Os participantes que se voluntariaram para a entrevista grupal foram identificados em relação às variáveis: idade, sexo, grau de escolaridade, renda familiar e local de residência. Os nomes foram omitidos, os participantes utilizaram pseudônimos.

O tempo médio para a aplicação do questionário foi de 20 minutos e para a realização da entrevista grupal foi de cerca de 30 minutos. As entrevistas grupais foram gravadas, mediante a aprovação dos participantes, e foram transcritas. Nas entrevistas, o pesquisador se identificou, indicou o procedimento utilizado, especificou a temática, informou a dinâmica da entrevista e que seriam utilizados pseudônimos no lugar de cada nome. As perguntas foram feitas de modo a evitar respostas monossilábicas e foram dirigidas a todo o grupo mesmo que se procurassem pelas respostas de cada indivíduo do grupo. O roteiro foi memorizado a fim de que as perguntas parecessem mais espontâneas. As perguntas partiram dos aspectos mais gerais em direção aos mais específicos.

7.5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados do questionário foram analisados através do *software* PASW ao qual foram solicitadas frequências de idade, escolaridade, renda, estado civil, cidade de origem e igreja à qual pertenciam os respondentes. Foram solicitadas também as frequências de respostas à pergunta discursiva do questionário, considerando as categorias em que as mesmas encontravam-se incluídas.

Em relação aos dados das entrevistas grupais, a metodologia aplicada foi a da análise do discurso dentro da perspectiva dos ECD, principalmente no procedimento de desvelar o preconceito, tendo-se também adotado a análise de conteúdo. Procurou-se identificar os discursos de exclusão e/ou os de resistência, numa perspectiva posicionada politicamente de forma contrária ao preconceito e aos mecanismos de exclusão das religiosidades afro-indígena-brasileiras. As categorias foram construídas analisando o discurso de cada grupo (homens e mulheres) separadamente.

8 RESULTADOS

8.1 PERFIL DA AMOSTRA DOS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO

Os participantes que responderam ao questionário tinham de 19 a 79 anos de idade, com idade média de 46 anos. A maioria dos participantes era do sexo feminino, não tinha cursado o Ensino Superior e era de pardos e negros. Só 26% recebiam mais de três salários mínimos. A maioria dos participantes era casada, nasceu em João Pessoa e pertencia a igreja Peniel.

Tabela 1: Frequências e porcentagens dos dados sócio-demográficos dos respondentes do questionário (N=50).

Característica	Opções	Frequência	%
<u>Sexo</u>	Feminino	34	68%
	Masculino	16	32%
Total		50	100%
<u>Grau de Escolaridade</u>	Ensino Médio	32	64%
	Ensino Superior	9	18%
	Ensino Fundamental	4	8%
	Pós-Graduação	3	6%
Total		50	100%
<u>Cor/Etnia</u>	Pardos	25	50%
	Branços	16	32%
	Negros	7	14%
	Indígenas	1	2%
	Outros	1	2%
Total		50	100%
<u>Estado Civil</u>	Casados	28	56%
	Solteiros	15	30%
	Outros	7	14%
Total		50	100%
<u>Renda Individual</u>	Até 1 Salário Mínimo	26	52%
	Mais de 3 Salários Mínimos	13	26%
	Entre 1 e 3 Salários Mínimos	11	22%
Total		50	100%
<u>Renda Familiar</u>	Mais de 3 Salários Mínimos	20	40%
	1 a 3 Salários Mínimos	17	34%
	Menos de 1 Salário Mínimo	17	14%
	Não possui renda fixa	4	8%
	Não respondeu	2	4%
Total		50	100%

<u>Igreja</u>	Peniel	38	76%
	Não respondeu	7	14%
	Batista	2	4%
	Missionária	1	2%
	Betel	1	2%
	Internacional da Graça de Deus	1	2%
Total		50	100%

Pode ser visto na Tabela 2, no que se refere às respostas à pergunta discursiva, “O que você pensa sobre as religiões afro-indígenas brasileiras (candomblé, umbanda, jurema, etc)?”, a frequência e percentual dessas respostas categorizadas.

Tabela 2: Frequências de respostas emitidas pelos participantes por categorias na pergunta discursiva do questionário (N=47).

Categorias	Frequência	%
Preconceito teológico ou fundamentação doutrinária	36	77%
Intolerância religiosa	4	9%
Preconceito cultural	3	6%
Demonização ou diferenças religiosas	2	4%
Erro conceitual	1	2%
Ausência de manifestação explícita de preconceito	1	2%
Total	47	100%

8.2 PERFIL DA AMOSTRA DOS QUE PARTICIPARAM DA ENTREVISTA

Os participantes que responderam à entrevista tinham de 23 a 65 anos de idade, com idade média de 44 anos. Quanto à escolaridade, 42% tinham Ensino Superior e 75% se declararam pardos e negros. A maioria dos participantes era casada (67%) e 66% tinham renda familiar maior que 3 Salários Mínimos.

Características da amostra por sexo, idade, grau de escolaridade, renda familiar e local de residência:

Tabela 3: Participantes do sexo masculino da igreja evangélica (N = 6).

Pseudônimo	Idade	Grau de escolaridade	Renda familiar	Local de residência
Davi	23	Médio	Mais de 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB
João	40	Superior	Mais de 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB
José	38	Médio	1 a 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB
Lucas	61	Médio	Mais de 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB
Mateus	48	Superior	Mais de 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB
Zaqueu	29	Médio	1 a 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB

Tabela 4: Participantes do sexo feminino da igreja evangélica (N = 6).

Pseudônimo	Idade	Grau de escolaridade	Renda familiar	Local de residência
Abgail	47	Superior	Mais de 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB
Débora	42	Superior	1 a 3 Salários Mínimos	Teresina – PI
Ester	35	Fundamental	1 a 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB
Johane	51	Médio	1 a 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB
Rute	44	Médio	1 a 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB
Sara	65	Superior	Mais de 3 Salários Mínimos	João Pessoa – PB

Observa-se que as mulheres que responderam à entrevista tinham uma idade média superior aos homens (47 anos e 40 anos, respectivamente).

8.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

8.3.1 DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS

O nome dado a cada grupo de religiões está de acordo com a classificação de WILGES (2010). Para efeito didático, o material será analisado seguindo, na medida do possível, a sequência em que se encontram as categorias na Tabela 7 e as perguntas mencionadas neste texto correspondem a do roteiro de entrevista.

A partir das análises do discurso e do conteúdo foram elaboradas diferentes categorias que serão apresentadas a seguir:

Preconceito Teológico ou Fundamentação Doutrinária: Esta categoria inclui as respostas aversivas de um indivíduo a tudo que contraria seu ideário religioso, e o que define esse ideário são os símbolos ou fundamentos de uma religião que são postos em oposição às outras religiões. Ex: *Davi: “(...) Bem, em pequenas palavras, nós devemos seguir o que a bíblia nos manda fazer. Nós não podemos entrar em outra denominação que não concorda com a nossa palavra, que é a palavra de Deus.”*

Demonização ou diferenças religiosas: Inclui as respostas nas quais uma determinada religião é vista como fazedora do mal, diabólica e satânica. Os termos que mais aparecem, que se enquadram na categoria demonização ou diferenças religiosas, estão mais ligados ao mal, maligno, maldade, entidades malignas e Satanás. Ex: *João: “Quando fala de*

candomblé o que vem primeiro à cabeça é: disposição pra fazer o mal, rituais satânicos, né... dominação das pessoas, num modo, para entrar tem que se submeter a algo e muitas vezes vai contra a palavra do senhor. E é isso.”

Erro Conceitual: São afirmativas a respeito das religiões afro-indígena-brasileiras que estão erradas dentro de um prisma e olhar imparcial, descritivo e acadêmico para com essas religiões (que tenta ver essas religiões pelos aspectos históricos e culturais) Ex: Lucas: *“Candomblé, que é uma... é uma ramificação dentro do espiritismo, né”*.

Ausência de Manifestação Explícita de Preconceito: Nesta categoria foram inclusas respostas descritivas que não demonstraram explicitamente aversão às outras religiões. Como se vê na fala de João: *“As religiões afro-indígenas, elas têm uma peculiaridade muito grande. É que ela não tem nada escrito, do que seguir. É, a principal diferença é essa. Como o candomblé... se você entrar hoje no candomblé, você não sabe, não tem nada que diga “não, você vai...”. Como nós temos a bíblia como profissão de fé, que seguimos a bíblia, seguimos a palavra do senhor. Os afro-indígenas, a diferença é essa, que é no sensorial.”*

Exclusão: Ocorre quando, no decorrer da entrevista, indiretamente as outras religiões são excluídas. Ex: [A melhor religião para o povo brasileiro é...] José: *“É aquela que tem como salvador Jesus Cristo como único e exclusivo salvador, os protestantes evangélicos.”*

Preconceito Contra Diversidade Sexual: São respostas que se referem à homossexualidade como algo que deve ser tratado, transformado. Ex: João: *“Então, nesse sentido de não fazer acepções, todos vêm, só que as práticas são condenadas como pecado, mas a igreja é feita de perdão, senão não existia a igreja.”*

Intolerância Religiosa: Essa categoria aparece quando uma religião ou religiões são descartadas sem uma justificativa clara, ao contrário da categoria preconceito teológico onde os fundamentos são deixados bem claros. Ex: Mateus: *“o candomblé, o que eu sei um pouquinho do candomblé, é o seguinte: que ele só procura fazer o mal, né? Ele só procura fazer magia negra, e ritual, e, e... só, só encaminha pra parte mal.”*

Preconceito Litúrgico: Aversão aos ritos de outra religião. Ex: Davi: *“que eles fazem oferenda, oferecem o corpo como sacrifício, animais, e entre outros.”*

Preconceito Cultural: Visão pejorativa de aspectos culturais ligados às religiões. Ex: *Rute: “Eu, Rute, considero uma das religiões más, o candomblé, que... na realidade vira uma salada. Tira um pouco do catolicismo, busca um pouco dos evangélicos, e assim vai misturando aquilo tudo, e na realidade é um engano.”*

A seguir, será apresentada uma análise detalhada das categorias encontradas, considerando a distribuição de respostas categorizadas em relação às diferentes perguntas realizadas ao longo da entrevista. Primeiramente essa análise será feita para os homens e, em seguida, para as mulheres.

8.3.2 CATEGORIAS REFERENTES ÀS RESPOSTAS DOS HOMENS

As frequências com que os participantes do sexo masculino deram respostas classificadas nas categorias acima são apresentadas na Tabela 5:

Tabela 5: Frequências de respostas emitidas pelos homens por categorias considerando todas as perguntas da entrevista (N=88).

Categorias	Frequência	%
Preconceito teológico ou fundamentação doutrinária	23	26%
Erro conceitual	16	18%
Ausência de manifestação explícita de preconceito	13	15%
Demonização ou diferenças religiosas	11	13%
Exclusão	10	11%
Preconceito contra diversidade sexual	6	7%
Intolerância religiosa	5	6%
Preconceito litúrgico	3	3%
Preconceito Cultural	1	1%
Total	88	100%

Preconceito Teológico ou Fundamentação Doutrinária. Esta categoria abriga a maioria das respostas dos homens às três primeiras perguntas do roteiro, pois só em três respostas as três primeiras perguntas ela não aparece, e é justamente nessas respostas que essa categoria aparece 18 vezes das 21 que aparecem em toda a entrevista. Dentre os elementos presentes nessas respostas os entrevistados ressaltam a palavra, Bíblia e Jesus, de maneira que ficam de fora os maiores símbolos do cristianismo, a cruz, e Deus (Jeová), o qual, não aparece isolado. Talvez isso ocorra tanto para diferenciar do catolicismo quanto das testemunhas de Jeová pelo fato dos evangélicos nem adorarem imagens construídas,

diferente dos católicos, como também, diferentemente das Testemunhas de Jeová, não colocarem a Jesus em um patamar de devoção inferior a Deus.

Estando esta pesquisa se dispondo a verificar as exclusões e os preconceitos, torna-se elucidativo fazer um apanhado das religiões consideradas más, através de um levantamento, e proceder-se a análise da entrevista no que se refere a essas religiões.

A explicitação de quais são as religiões erradas foram encontradas nas repostas a segunda pergunta: “explique e exemplifique as religiões más” e no desdobramento dessa pergunta. As religiões mais citadas, conforme a Tabela 6, foram as religiões cristãs as quais, dentro de um universo mais amplo, inclui as cristãs de fronteira e o catolicismo (WILGES, 2010) seguidos pelas religiões afro-indígena-brasileiras. Em seguida, a espírita, e por último, apareceu a seicho-no-iê, citada uma vez. É importante ressaltar que o tema religiões afro-indígena-brasileiras surgiu antes que se fizesse qualquer pergunta a respeito das mesmas.

Tabela 6: Frequências e porcentagens das denominações de religiões citadas pelos homens na entrevista (N = 15).

Grupos de Religião	Tipos de Religião	Frequência	%
<u>Afro-indígena brasileiras</u>	Candomblé	3	20%
	Umbanda	1	7%
	Macumba	1	7%
<i>Total Parcial</i>		5	34%
<u>Cristãs</u>	Catolicismo	2	13%
<i>Total Parcial</i>		2	13%
<u>Espíritas</u>	Kardecismo	2	13%
<i>Total Parcial</i>		2	13%
<u>Cristãs de fronteira</u>	Sabatistas	1	7%
	Adventistas	1	7%
	Mórmons	1	7%
	Testemunhas de Jeová	2	13%
<i>Total Parcial</i>		5	34%
<u>Orientais</u>	Seicho-No-Iê	1	7%
<i>Total Parcial</i>		1	7%
Total Geral		15	100%

Os grupos religiosos mais citados são aqueles que estão no universo cristão, que engloba o catolicismo, um dos núcleos do cristianismo; e, dentro de uma perspectiva mais ampla, os cristãos de fronteira (mórmons, adventistas, sabatistas e testemunhas de Jeová).

Demonização ou diferenças religiosas

As respostas categorizadas como demonização ou diferenças religiosas aparecem sete vezes, das 11 que aparecem em toda a entrevista, em três perguntas, naquelas que versavam sobre candomblé, catimbó e sobre algumas entidades das religiões afro-indígena-brasileiras. Vale ressaltar que nas respostas à pergunta “O que você entende por religião afro-indígena-brasileira?” não aparecem as respostas categorizadas como demonização ou diferenças religiosas. As respostas categorizadas como demonização ou diferenças religiosas só aparecem quando as perguntas começam a versar sobre religiões específicas como o candomblé e o catimbó ou sobre entidades espirituais como pomba gira, preto velho, etc.

Outro aspecto da demonização ou diferenças religiosas são os nomes satanáis e diabo que personificam a demonização ou diferenças religiosas. Estes nomes, que até então não eram mencionados, começam a aparecer nas respostas acerca do candomblé. Essa demonização ou diferenças religiosas de forma mais intensa: o nome demônio ou satanáis (satânico), só aparece duas vezes nas respostas sobre o candomblé. O aparecimento desse nome se intensifica nas respostas às perguntas que versam sobre catimbó e sobre entidades das religiões afro-indígena-brasileiras.

Quando os entrevistados falavam das testemunhas de Jeová, mórmons, adventistas, sabatistas (os que guardam os sábados), espíritas e católicos, essas religiões eram vistas como desvirtuadoras da doutrina bíblica, que levavam a equívocos, como diz Zaqueu: *“Sobre as religiões que a gente não tava de acordo, é aquela que retorce a nossa palavra, a nossa bíblia, a palavra de Deus, entendeu? E é que nós não devemos seguir.”* No candomblé e no catimbó tem-se o próprio representante do mal na Terra, na perspectiva dos entrevistados. Essa personificação do mal por parte das religiões afro-indígena-brasileiras se verifica na primeira resposta à pergunta sobre o candomblé, onde José fala em rituais satânicos: *“Quando fala em candomblé, desde criança eu escuto falar, são uma religião que trabalha com rituais satânicos, então, com o mal. O que vem na cabeça é o mal.”* e de forma mais clara na resposta de Mateus: *“Ele só procura fazer o mal, né? Ele só procura fazer magia negra, e ritual, e, e... só, só encaminha pra parte mal.”* Outro fato

curioso é que nas respostas à pergunta “O que é para você religião afro-indígena-brasileira?” não se constatou a presença da demonização ou diferenças religiosas.

Erro Conceitual ou Desinformação

As respostas cujos conteúdos foram classificados nesta categoria aparecem, nos homens, em relação, sobretudo à pergunta “*O que lhes vem à cabeça quando se fala em candomblé?*” e na seguinte, que versava sobre catimbó. O erro conceitual aparece de forma significativa (nove das 16 vezes que apareceram em toda a entrevista) e serão exemplificados nas respostas a seguir.

O candomblé é uma religião que tem raízes na África, não é uma ramificação do espiritismo kardecista (ideia difundida pelos meios de comunicação a serviço das igrejas neopentecostais) como responde Lucas: “*Candomblé, que é uma... é uma ramificação dentro do espiritismo, né?*”. O candomblé também não invoca mortos, como é falado por Lucas: “*É... contrário à palavra do senhor, né, que diz que não podemos fazer invocação a mortos.*” e Zaqueu: “*Sobre o candomblé, eu, é... tenho a falar que eles invocam os mortos, eles fazem pessoas, é... sacrifícios.*”

Ausência de Manifestação Explícita de Preconceito

Nas respostas referentes à pergunta “O que é preconceito religioso?”, só aparece a categoria ausência de preconceito, sugerindo que o tema preconceito leva a uma postura de cautela. Esse abrandamento pode ser verificado com a resposta de João: “*Porque quem transforma não é o ser humano. Quem vai transformar as vidas deles é através do espírito santo. Não é através da força. Eu não vou debater aqui, chegar aqui com uma pessoa do candomblé e querer que ela venha pra minha religião a todo pulso. Deus vai transformar e vai fazer o trabalho que nós não conseguimos fazer.*” Nessa parte da entrevista percebe-se uma compaixão com os indivíduos de outras religiões.

Nas respostas à pergunta “O que é para você religiões afro-indígena-brasileiras?” aparece a categoria erro conceitual (uma única vez) e preconceito teológico (uma única vez). Há ainda duas descrições acerca das religiões afro-indígena-brasileiras isenta de preconceito, o que surpreende. Uma dessas respostas, a de João: será reproduzida pelo seu caráter inusitado: “*As religiões afro-indígenas, elas têm uma peculiaridade muito grande. É que ela não tem nada escrito, do que seguir. É, a principal diferença é essa. Como o candomblé... se você entrar hoje no candomblé, você não sabe, não tem nada que diga*

“*não, você vai...*”. Como nós temos a bíblia como profissão de fé, que seguimos a bíblia, seguimos a palavra do senhor. Os afro-indígenas, a diferença é essa, que é no sensorial, cada um sente da sua forma, cada um invoca da sua forma” Apesar do equívoco de dizer que no candomblé não há proibição, não há nada que diga não, pois no candomblé há interdições em várias áreas, inclusive a sexual, mas sem caráter moral. Mesmo com esse equívoco a descrição é categorizada como ausente de preconceito.

Exclusão

Esta categoria aparece na resposta à pergunta “Qual a melhor religião para o povo brasileiro?” Como se pode ver na resposta de João: “*Os protestantes e os evangélicos.*” Esta resposta vai ao encontro da resposta de Zaqueu: “*a religião boa é a que segue a palavra de Deus*”. Nesta resposta se verifica todo o fundamentalismo desse grupo religioso que só vê a bíblia como único receituário e também nas respostas que dizem que são contra as distorções que outros grupos fazem do ideário que o grupo analisado vê como correto. Dessas afirmações pode-se depreender que não é aceita outra interpretação que não seja a deles. Essa afirmação a respeito do fundamentalismo desse grupo é feita tanto se sabendo da vertente que esse grupo faz parte: pentecostal, quanto levando em conta o teor das respostas (pelo menos o discurso apresentado no decorrer da entrevista). Conclui-se que é um grupo fundamentalista, que interpreta literalmente o que está escrito, e que, pelo que se sabe desses grupos, ignora as falhas lógicas, de modo que não há espaço para relativizações. Enfim, lembrando o que Zaqueu falou “*religião boa é a que segue a palavra de Deus*” e também o que João respondeu “*os protestantes e os evangélicos*” e sabendo que essas denominações fazem parte do mesmo grupo, julga-se que nenhuma outra expressão religiosa é aceita.

Preconceito Contra a Diversidade Sexual

Este tipo de preconceito foi observado majoritariamente na resposta em relação à pergunta “As religiões devem aceitar as pessoas independentemente de sua condição econômica, cor e orientação sexual?”. A esta pergunta os participantes do grupo de homens evangélicos são irredutíveis, consideram que a homossexualidade é aceita para ser tratada, ou melhor, transformada. As outras variáveis da mesma pergunta: condição social e cor, são desconsideradas nas respostas, até porque, esse grupo entrevistado faz parte de uma igreja que agrega pessoas negras e de várias classes sociais. A respeito disso Davi fala “*a gente sabe que isso é tolice*”.

Intolerância Religiosa

Na intolerância religiosa os fundamentos não são deixados bem claros pelos homens. A afirmação de Mateus exemplifica bem essa categoria que só aparece nas respostas em que são citadas às religiões afro-indígena-brasileiras. *“Olha, o candomblé, o que eu sei um pouquinho do candomblé, é o seguinte: “que ele só procura fazer o mal, né? Ele só procura fazer magia negra, e ritual, e, e... só, só encaminha pra parte mal.”*

Preconceito Litúrgico

A categoria preconceito litúrgico é a penúltima categoria em frequência de respostas. Talvez, a escassez de respostas a essa categoria se deva ao fato das respostas que seriam classificadas nela exigirem um conhecimento das outras religiões. Na realidade, os participantes do grupo de homens só foram capazes de realizar uma descrição mais extensa sobre outras religiões, quando foram confrontados com perguntas específicas e, mesmo assim, apresentaram vários erros conceituais.

Apesar de que de forma geral esse grupo se esquivava de descrever outras religiões, na fala dos homens eles se arriscam mais, inclusive aparecem duas respostas a mais que nas mulheres, categorizadas como preconceito litúrgico, em relação à segunda pergunta como se pode observar na longa descrição de João: *“Eu tenho como exemplo de, de religião má... eu não sei se eu vou dizer o nome certo, mas... não sei se é parte do candomblé, mas eu acho que é da umbanda. Porque quando eu era jovem, eu via, eu, eu... assim, eu acompanhava algumas pessoas para os terreiros, como chamam. E via lá o pessoal entrar de quarto, ser lambuzado com sangue de porco; fazer inserções na cabeça, e colocar vários tipos de coisas na cabeça; içar preso dentro dum quarto escuro, para que as divindades viessem e se apoderassem daquele corpo. Então a gente vê aí, exemplificando como... que essa religião é má, porque... que sentido é esse que para que uma pessoa entra para a religião, ela precisa entrar de quarto, como eles dizem, e fazer toda essa mistificação, e todo esse processo para que essa pessoa seja adepta dessa religião?”*

Preconceito cultural

O preconceito cultural também está presente na fala de João transcrita acima na categoria preconceito litúrgico. Estes dois tipos de preconceito aparecem entrelaçados nessa fala. Fica subentendido, pela adjetivação de religião má, que o entrevistado vê os rituais de sacrifício e de sangue como negativos, esquecendo que o velho testamento, principalmente o livro de Levítico, é cheio de ordenanças e ritos que incluem sangue e sacrifícios e que todo bom cristão vê essas práticas como algo já ultrapassado, cumprido, mas é incapaz de falar mal de qualquer dessas ordenanças, que afinal de contas são divinas. As respostas categorizadas como preconceito cultural são as que revelam preconceitos que podem ser associados com as culturas matrizes das religiões afro-indígena-brasileiras.

8.3.2.1 Discussão das categorias referentes aos homens

Em relação ao que constrói as respostas categorizadas como preconceito teológico destacam-se os símbolos: palavra, Bíblia e Jesus, presentes no discurso dos participantes evangélicos. Esses símbolos definem a religião certa como aquela que os proclamam ou os seguem e as erradas as religiões que não os seguem ou os desvirtuam (seguem de forma equivocada). Sendo os símbolos norteadores das religiões más e das religiões boas, eles são facetas de uma objetivação ou concretitude, Essa objetivação é personificada na figura dos símbolos.

Guiado por esses fundamentos esse grupo justifica a escolha das religiões consideradas más a do amplo universo cristão: as cristãs de fronteiras e o catolicismo que em conjunto mostram a maior frequência (ver a tabela 8) em comparação com as outras religiões ou agrupamento de religiões. As citações acerca das religiões más encontradas nas respostas à pergunta: explique e exemplifique religião má, recaem sobre o universo cristão e revelam o desconhecimento dos entrevistados em relação aos elementos em comum dos evangélicos com os católicos e principalmente com as testemunhas de Jeová (cristãos de fronteira) que são: a expiação, a vida eterna, o pecado, o pecado original e o juízo final e, especificamente em relação às testemunhas de Jeová, a não-crença em santos e também em imagens.

Em relação às respostas categorizadas como demonização ou diferenças religiosas, se verifica o aparecimento dessas respostas unicamente em virtude das perguntas sobre:

candomblé, catimbó e preto velho, exu e pomba gira, etc. Esse aparecimento revela tanto que esses nomes são mais familiares a esse grupo de homens evangélicos quanto o estigma que essas religiões e entidades espirituais religiosas carregam.

Os erros conceituais ou desinformação também são reveladores em relação ao estigma que carregam as religiões afro-indígena-brasileiras, pois todos os equívocos incluem as religiões afro-indígena-brasileiras e demonstram que esse grupo religioso evangélico tenta armar um quadro referencial que refute qualquer expressão religiosa diferente, de modo que, quando esse grupo religioso evangélico é questionado acerca de outras religiões, tem sempre respostas prontas, ainda que na maioria das vezes incorretas. Essa postura é percebida através de erros históricos e culturais a respeito das religiões afro-indígena-brasileiras.

Em relação às respostas categorizadas como ausência de preconceito, tudo indica que a pergunta “o que é preconceito religioso”? armou esse grupo e todas as respostas a essa pergunta são categorizadas como ausente de preconceito.

As respostas categorizadas como exclusão foram aquelas que indiretamente declararam a não aceitação de religiões que não possuem a doutrina proclamada pelos participantes. Diferentemente das respostas categorizadas como preconceito teológico, que citavam de forma direta as outras religiões e diferente das respostas categorizadas como intolerância religiosa que não apresentavam justificativa, de modo que esse tipo de resposta revela uma atitude primária de exclusão às outras religiões, pois, só se aceitando a sua religião e os seus preceitos se está automaticamente excluindo as outras religiões.

Em relação às respostas categorizadas como ausentes de preconceitos, foi observado que elas são majoritariamente contra os grupos LGBTTT, mesmo que não haja uma atitude frontal, agressiva/homofóbica nas respostas, como é comum aos grupos heteronormativos masculinos,mas há a exclusão. Supõe-se, pela falta de outros juízos de valores negativos, que a homossexualidade tem o peso que outras condutas carregam como: o ateísmo, o adultério e o vício, pois não se enquadram ao receituário da religião a qual segue esse grupo de homens evangélicos.

As respostas categorizadas como intolerância religiosa, que é o preconceito sem deixar claro as justificativas, revelam o lado pouco racional do preconceito e também mostram que as religiões afro-indígena-brasileiras são o alvo desse tipo de preconceito,

pois essa categoria só aparece nas respostas em que são citadas as religiões afro-indígena-brasileiras.

A escassez de respostas categorizadas como preconceito litúrgico é a penúltima categoria em frequência de respostas, o que leva a supor que atacar as outras religiões pelas suas particularidades é mais difícil do que atacá-las com base nos fundamentos de sua própria religião.

A escassez de frequência de respostas categorizadas como preconceito cultural (é a última categoria em frequência de respostas) revela que os homens entrevistados fazem pouca ligação entre as culturas africanas e indígenas e as religiões afro-indígena-brasileiras ou essas culturas não são alvos de preconceito desse grupo.

8.3.3 CATEGORIAS REFERENTES ÀS FALAS DAS MULHERES

As frequências com que os participantes do sexo feminino deram respostas classificadas nas categorias acima são apresentadas na Tabela 7:

Tabela 7 Frequências de respostas emitidas pelas mulheres por categorias considerando todas as perguntas da entrevista (N=70).

Categorias	Frequência	%
Preconceito teológico ou fundamentação doutrinária	24	34%
Demonização ou diferenças religiosas	20	29%
Erro conceitual	12	17%
Ausência de manifestação explícita de preconceito	6	9%
Preconceito contra diversidade sexual	5	7%
Intolerância religiosa	5	7%
Exclusão	3	4%
Preconceito Cultural	2	3%
Total	70	100%

Preconceito teológico

Indo na esteira da definição que já foi dada de preconceito teológico, que significa aversão de um indivíduo contra tudo que contraria o seu ideário religioso, os fundamentos ou os símbolos são palavra (Bíblia) e Jesus Cristo.

É importante ressaltar que na fala das mulheres referente às respostas às duas primeiras perguntas, o preconceito teológico aparece de forma concentrada, pois aparece 7 vezes, em contraste com as mesmas 7 vezes que aparece no restante da entrevista, nas 8 perguntas restantes. Sabendo que um dos objetivos do trabalho é verificar o preconceito ou exclusão, foi feito um levantamento das religiões consideradas más, as excluídas.

Tabela 8: Frequências das denominações de religiões citadas pelas mulheres na entrevista (N = 10).

Grupos de Religião	Tipos de Religião	Frequência	%
<u>Afro-indígenas brasileiras</u>	Candomblé	3	30%
	Umbanda	1	10%
<i>Total Parcial</i>		4	40%
<u>Cristãs</u>	Catolicismo	2	20%
<i>Total Parcial</i>		2	20%
<u>Espíritas</u>	Kardecismo	4	40%
<i>Total Parcial</i>		4	40%
Total Geral		10	100%

As religiões afro-indígena-brasileiras são as mais citadas ao lado do espiritismo na fala das mulheres, revelando uma clara e precoce (aparece logo nas duas primeiras perguntas) animosidade em relação a essas religiões.

Demonização ou diferenças religiosas

A demonização ou diferenças religiosas aparece pela primeira vez quando se pergunta “O que vem a cabeça quando se fala em candomblé?” Até esse momento, as religiões consideradas más por esse grupo eram citadas, mas nenhuma foi demonizada. A intensificação da demonização ou diferenças religiosas, que se dá com aparecimento da figura do satanás ou demônio, segue as seguintes frequências e distribuições: aparece 1 vez na resposta à pergunta: “O que vem a cabeça quando se fala em candomblé?”, 3 vezes nas respostas ao catimbó, e 5 vezes nas respostas a pergunta “O que vocês pensam quando se fala em Iemanjá, preto velho, caboclo, pomba gira e Exu?” e 2 vezes nas respostas sobre as religiões afro-indígena-brasileiras.

Desinformação ou erro conceitual

Na resposta de Rute: *“Considero uma das religiões más o candomblé, que... na realidade vira uma salada. Tira um pouco do catolicismo, busca um pouco dos evangélicos, e assim vai misturando aquilo tudo, e na realidade é um engano”*, nota-se nesta fala um erro de informação que leva a pensar que o sincretismo se deu no candomblé, o que é uma ideia errônea, pois o candomblé sempre teve uma raiz africana muito forte. Outro erro é pensar que esse sincretismo, que de fato ocorreu em algumas religiões afro-indígena-brasileiras, teve qualquer influência evangélica. Também outro erro é dizer que o candomblé invoca mortos, como consta na fala de Sara *“é reunião mesmo de pessoas, invocando, invocando pessoas que já morreram, que não... que não tem nada disso, que quem morreu não volta à reencarnação”*. A invocação de mortos ocorre na umbanda, o candomblé invoca orixás. Outro erro, e que aparece mais de uma vez, é dizer que o catimbó é um trabalho que pode trazer embaraços para a vida de outra pessoa (daí pode se derivar o termo catimbar no futebol: um jogador atrapalhando o jogo de outro time, retardando a jogada). Este erro é cometido por Débora: *“Eu entendo que quando se fala em catimbó, eu... o que me vem à cabeça é o mal preparado em termos práticos e visíveis aos olhos humanos”*. Na verdade, catimbó é uma religião. Ainda outro erro, e que aparece na fala de Ester: *“Como o candomblé, como o espiritismo que diz que quando a gente morrer a gente volta pra pagar aquilo que ficou... a gente fez anteriormente...”* é o que iguala o candomblé ao espiritismo, sendo que no candomblé não há a concepção de que o espírito vai voltar para realizar qualquer tipo de pagamento.

Ausência de Manifestação Explícita de Preconceito

As respostas que são categorizadas como ausente de preconceito, são as que não apresentam nenhuma das outras categorias e algumas dessas respostas revelam inclusive compaixão e ou respeito a outros religiosos, como se vê na fala de Sara: *“Então nós devemos o que... orar, nós devemos orar até pela aquela pessoa, e não fazer desdém daquela pessoa, porque quem tá desse jeito, os mórmons, os testemunhas de Jeová, que saem muito aí, né, evangelizando... então nós não devemos criticá-los.”*

Exclusão

Essa categoria aparece bem exemplificada nas respostas à pergunta *“Qual a melhor religião para o povo brasileiro?”* Na resposta de Ester *“só os evangélicos estão salvos, e eu*

creio nisso". Também se vê que os símbolos se repetem: Jesus ou cristo e a palavra, como na fala de Abigail: *"Boas? As que pregam a verdadeira palavra, o Cristo vivo."* Como já foi mencionado esses símbolos não só indicam as religiões más,mas também as corretas. Enquanto a resposta de Abigail também nomina a religião certa: *"A Igreja Evangélica"*, a resposta de Ester: *"Ninguém vai ao pai se não por Deus... senão por Jesus', né?"* mostra um dos fundamentos ou símbolos que a religião correta deve seguir.

Preconceito contra a diversidade sexual

Nas respostas categorizadas como preconceituosas contra a diversidade sexual, o grupo LGBTTTT deve ser aceito, mas para ser modificado. A resposta de Débora ilustra essa interpretação: *"Eu entendo que as religiões deve aceitar a pessoa independente da condição pra mostrar a condição que ela deve estar em Cristo, né... aceitar no sentido de receber a pessoa, não afastá-la, mas, recebendo, mostrá-la a condição, que é uma condição superior a que ela está. Então, só completando, receber para transformá-lo"*.

Intolerância Religiosa

As respostas categorizadas como intolerância religiosa são aquelas que não apresentam justificativas quando descartam outras religiões, como pode ser verificado na fala de Ester *"Eu, Ester, eu acredito assim que... eu respeito, mas eu não aceito. É uma diferença muito grande da gente respeitar e a gente aceitar"*. As respostas categorizadas como intolerância religiosa revela que por vezes, 5 vezes, o preconceito nesse grupo de religiosos precede as justificativas ou a racionalidade.

Preconceito cultural

Na fala de Rute: *"na realidade vira uma salada, tira um pouco do catolicismo, busca um pouco dos evangélicos, e assim vai misturando aquilo tudo, e na realidade é um engano"*, a entrevistada chama a bricolagem entre várias etnias que deu origem a várias religiões de salada e comete o erro de citar o candomblé como exemplo de bricolagem. É fato que o candomblé se definiu em solo brasileiro com a interação de várias etnias africanas, mas, mesmo assim o candomblé, principalmente o candomblé baiano, prima pelas raízes africanas, mesmo que isso repouse em certa utopia, não podendo haver um resgate puro e autêntico, mesmo assim a ideia da entrevistada está errada porque no candomblé não há elementos do cristianismo. Rute: *"Eu compreendo que a religião, é... afro-indígena-brasileira, é realmente uma mistura, uma mistura de culturas, onde assim o*

inimigo veio e se aproveitou disso tudo, e entrou com o engano, pra dizer pra o povo que é, que pode e que faz, mas na realidade, pra mim é um engano só, uma salada” sem citar o candomblé, chama novamente a bricolagem de salada e deixa a suspeita de que ela rotula as etnias que formaram as religiões afro-indígena-brasileiras de inferiores e primitivas. Outra perspectiva é que ela considera qualquer arranjo fora do universo evangélico um equívoco.

8.3.3.1 Discussão das categorias referentes às mulheres

Percebe-se que nas respostas categorizadas majoritariamente como preconceito teológico, os grupos religiosos mais citados pelas mulheres são as religiões afro-indígena-brasileiras e o espiritismo. Estas religiões são classificadas como espiritualistas, segundo a classificação de WILGES (2010), fato que revela a aversão desse grupo de mulheres evangélicas por religiões que trabalham com espíritos.

Em relação às respostas categorizadas como demonização ou diferenças religiosas, se verifica que a sua intensificação (que se realiza com o aparecimento da figura do satanás ou demônio) se dá com maior frequência nas respostas em relação à pergunta sobre entidades espirituais, revelando que essas entidades espirituais religiosas são extremamente estigmatizadas por esse grupo de mulheres evangélicas.

As respostas categorizadas como desinformação ou erro conceitual revelam que as religiões afro-indígena-brasileiras são as religiões mais perseguidas por esse grupo de mulheres e que são, também, as mais desconhecidas. Essa ignorância demonstra que o preconceito desse grupo a essas religiões não tem tanto um fundamento racional e sim emocional.

Em relação às respostas que apresentaram ausência de manifestação explícita de preconceito, percebe-se a presença de compaixão interpessoal.

As respostas categorizadas como exclusão revelam que, para as mulheres, a única religião correta é a delas e os símbolos ou fundamentos a serem seguidos são os seus.

As respostas categorizadas como preconceito contra a diversidade sexual revelam que esse grupo não aceita a homossexualidade sob nenhum aspecto.

As respostas categorizadas como intolerância religiosa revela que por vezes, frequência de 5 vezes, o preconceito nesse grupo de religiosos precede as justificativas ou a racionalidade.

As respostas categorizadas como preconceito cultural apresentam uma pequena frequência, aparece em último lugar (ver Tabela 7), o que leva a crer que a cultura africana e indígena tem pouca influência na atitude excludente desse grupo em relação às religiões afro-indígena-brasileiras.

8.3.4 COMPARAÇÃO DAS RESPOSTAS À ENTREVISTA CONSIDERANDO O SEXO DOS PARTICIPANTES

As frequências com que os participantes do sexo masculino deram respostas classificadas nas categorias acima são apresentadas na Tabela 9:

Tabela 9: Frequências de respostas por categorias considerando todas as perguntas da entrevista e o sexo dos participantes (N=158).

Categorias	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Preconceito teológico ou fundamentação doutrinária	23	26%	24	34%	47	30%
Demonização ou diferenças religiosas	11	13%	20	29%	31	20%
Erro conceitual	16	18%	12	17%	28	18%
Ausência de manifestação explícita de preconceito	13	15%	6	9%	19	12%
Exclusão	10	11%	3	4%	13	8%
Preconceito contra diversidade sexual	6	7%	5	7%	11	7%
Intolerância religiosa	5	6%	5	7%	10	6%
Preconceito litúrgico	3	3%	-	0%	3	2%
Preconceito cultural	1	1%	2	3%	3	2%
Total	88	100%	70	100%	158	100%

Preconceito teológico

Nesse momento as respostas aparecem uniformes, todas com os mesmos fundamentos: Jesus, palavra (Bíblia), revelando uma objetivação que retira o caráter subjetivo da experiência religiosa, deixando apenas a concretude. Vale ressaltar que o preconceito teológico, que é também como já foi mencionado a defesa dos fundamentos de

uma religião, aparece em todas as respostas à primeira pergunta do roteiro, tanto nas respostas dos homens, quanto nas das mulheres. Outro aspecto de relevância na resposta a essa pergunta é que os entrevistados se esquivam de descrever as religiões, basta para eles falarem que essas religiões más não seguem os fundamentos corretos. De uma forma geral, as respostas revelam um fundamentalismo, identificado nas religiões evangélicas pentecostais (Assembléia de Deus) e neopentecostais, (Igreja Universal do Reino de Deus) e menos verificado nas tradicionais. Ex: Batistas.

Já nas respostas à segunda pergunta do roteiro: “Explique e exemplifique as religiões más” a diferenciação de sexo se intensifica. Na Tabela 10 são apresentadas as religiões “más”, segundo a fala dos homens e das mulheres.

Tabela 10: Frequências das denominações de religiões citadas por homens e mulheres na entrevista (N = 25).

Grupos de Religião	Tipos de Religião	Homens	Mulheres	Total	%
<u>Afro-indígenas brasileiras</u>	Candomblé	3	3	6	24%
	Umbanda	1	1	2	8%
	Macumba	1	-	1	4%
Total Parcial		5	4	9	36%
<u>Cristãs</u>	Catolicismo	2	2	4	16%
Total Parcial		2	2	4	16%
<u>Espíritas</u>	Kardecismo	2	4	6	24%
Total Parcial		2	4	6	24%
<u>Cristãs de fronteira</u>	Sabatistas	1	-	1	4%
	Adventistas	1	-	1	4%
	Mórmons	1	-	1	4%
	Testemunhas de Jeová	2	-	2	8%
Total Parcial		5	-	5	20%
<u>Orientais</u>	Seicho-No-Iê	1	-	1	4%
Total Parcial		1	-	1	4%
Total Geral		15	10	25	100%

É importante ressaltar que na explicação acerca da pesquisa que foi realizada não é mencionado o termo “religiões afro-indígena-brasileiras”. Assim, nota-se que 36% das respostas dos homens e mulheres à pergunta “Explique e exemplifique quais são as

religiões más?” citam as religiões afro-indígena-brasileiras. Estas são as religiões mais citadas nos dois grupos. No caso dos homens aparecem empatadas com as religiões cristãs de fronteira e nas mulheres aparecem empatadas com o espiritismo.

As mulheres se posicionam contrárias às religiões espiritualistas, que de acordo com WILGES (2010), inclui o espiritismo e algumas religiões afro-indígena-brasileiras. Os fundamentos ou os símbolos mencionados pelas mulheres são os mesmos da fala dos homens.

Nesta pesquisa um aspecto investigado é a existência de diferença entre os dois sexos sobre o preconceito teológico. A este respeito verifica-se que ele aparece 23 vezes nos homens enquanto nas mulheres aparece 24 vezes apontando apenas para uma pequena diferença, porém, essa diferença se mostrará fortalecida adiante na comparação entre o grupo grande do questionário e o grupo pequeno da entrevista.

Erros conceituais

Os homens apresentam 16 erros conceituais, e as mulheres 12. Esses números podem ser interpretados de duas formas: os homens se arriscam mais, mesmo cometendo erros. Alguma dessas desinformações e erros cometidos nesses dois discursos serão citados brevemente sem ordem cronológica e sem diferenciação de sexo: O candomblé é visto como ramificação do espiritismo, no candomblé invocam-se mortos (na verdade invocam-se orixás). Outra crença equivocada: no discurso aparece que o catimbó é um trabalho e não uma religião.

Demonização ou diferenças religiosas

A partir da perspectiva da análise do discurso, sabe-se que o discurso hegemônico pode ser um meio de manutenção do poder e de exclusão, como está sendo relatado em relação as religiões afro-indígena-brasileiras, que são excluídas de diversas formas através da desinformação, que deturpa aspectos históricos e litúrgicos ligados às religiões, através de uma crescente demonização ou diferenças religiosas, criando uma forma de excluir realidades ou possibilidades sociais indesejadas, que é o que faz o discurso como manipulador de mentes e, por consequência, manipulador das práticas sociais.

Tanto no discurso do grupo de homens, como no de mulheres, a demonização ou diferenças religiosas, aparece com várias formas; ora é definida pela presença do mal, do

engano, da malignidade, ora de forma mais direta pelos nomes de “Diabo” e “Satanás” e variações destes. A demonização ou diferenças religiosas como malignidade estreia nas respostas à pergunta sobre religiões más. Até então as religiões afro-indígena-brasileiras são rejeitadas da mesma forma que o espiritismo e o catolicismo, mas a personificação na figura do Diabo e de Satanás só começa a aparecer na pergunta sobre candomblé e reaparece nas três seguintes perguntas, sobre catimbó, preto velho e Exu e sobre as religiões afro-indígena-brasileiras (no caso das mulheres). Este fato, no caso da perguntas ligada às entidades afro-indígena-brasileiras, pode estar relacionado à ideia propagada, principalmente pelas igrejas neopentecostais, de que as entidades das religiões afro-indígena-brasileiras são demônios, que, inclusive, são invocados e expulsos. Já a demonização ou diferenças religiosas mais direta, encontrada também no catimbó, parece também estar ligada à ideia de que o catimbó é um trabalho que só faz o mal, estando assim a serviço do “Diabo” e que tem que ser desfeito. A respeito da demonização ou diferenças religiosas mais direta das religiões afro-indígena-brasileiras pode-se especular que os dois grupos entrevistados tenham concluído que o catimbó e as entidades espirituais mencionadas estejam inclusas nas religiões afro-indígenas-brasileiras, fazendo com que essa seja demonizada. Outra informação é que durante a entrevista toda, o nome satanás, diabo ou demônio só aparece duas vezes associados ao candomblé e uma vez associado ao catimbó na fala dos homens, além de demonizarem mais, intensificam a demonização ou diferenças religiosas.

Além disso, ficam claras as diferenças entre os dois sexos, já que as mulheres demonizam muito mais do que os homens: as mulheres dão 20 respostas, enquanto os homens dão 11 respostas. Outra diferença que ocorre no início da fala dos homens, em comparação com a das mulheres, é que eles citam as religiões “más” como desvirtuadoras do caminho correto.

A entidade do Satanás, Diabo e outros nomes, que até então não era mencionada, começa a aparecer nas respostas dos homens acerca do candomblé e do catimbó, o mesmo ocorrendo nas respostas das mulheres, revelando que nesse aspecto, o de demonizar as religiões afro-indígenas-brasileiras usando o nome de diabo e satanás, o discurso desses grupos religiosos revelam uma uniformidade.

Ausência Manifestação Explícita de Preconceito

As respostas à pergunta “O que é preconceito?” tanto no grupo dos homens quanto no grupo das mulheres foram todas categorizadas como ausência de manifestação explícita de preconceito. Em ambos os grupos, as respostas denotam um abrandamento e cautela em relação ao tema. Neste sentido, há uma resposta muito significativa que diz que não se deve criticar as outras religiões na frente dos adeptos e deixar o espírito santo trabalhar. Note-se que nas respostas a pergunta: O que é preconceito? Só aparece a categoria *ausência de manifestação explícita de preconceito*, tanto nos homens quanto nas mulheres.

Exclusão

Nas respostas à questão “Cite as religiões boas?”, as igrejas evangélicas são citadas pelos grupos de homens e de mulheres, excluindo, dessa forma, todas as outras religiões. As igrejas boas são assim consideradas por seguirem os fundamentos já mencionados. Nota-se também que, quando se pede para citar as religiões boas, são citadas três igrejas evangélicas, deixando implícito que só há uma religião correta. Observa-se ainda que, para não deixar dúvidas quanto a escolha da religião evangélica como sendo a correta para esses grupos, há resposta que sumariamente diz que a religião correta é a evangélica.

Preconceito litúrgico

Aparece mais na fala do grupo dos homens, talvez pelo mesmo motivo que se julga que aparecem mais erros conceituais, isto é, por eles terem menos temor de falar de práticas de outras religiões. Essa suposição é fortalecida pelo número de religiões “más” citadas, que é maior no grupo dos homens. O preconceito litúrgico só aparece num total de quatro vezes.

Preconceito cultural

Aparece na fala do grupo das mulheres como uma forma de definir a bricolagem (interação de várias culturas para a formação de uma cultura própria e identitária) como salada. A substituição do termo bricolagem por salada talvez se dê por motivo cultural ou simplesmente pela aversão às religiões componentes dessa “salada”.

Nos homens, com exceção de João (na fala já citada), se percebe a mesma postura hostil em relação à cultura, apesar dessas respostas categorizadas terem uma frequência muito baixa. Ex: Zaqueu: “*É apenas uma comunhão dos costumes indígenas com os, com*

o candomblé. Aí fizeram... os costumes dos índios, digamos, é a mesma coisa, é... clamavam os espíritos, e pediam, e sempre tinha o pajé que fazia essas coisas. E o candomblé é a mesma coisa. O pai de santo faz isso que o pajé faz, então eles se juntaram e fizeram esse grupo e tocaram um pagodim...”

9 DISCUSSÃO

Os fundamentos ou símbolos que se repetem nos dois sexos, e que são verificados nas respostas categorizadas como preconceito teológico, mostram a uniformidade na objetivação do discurso, de modo que o subjetivismo em relação à religiosidade – nesse caso: a experiência religiosa como algo individual e singular – é substituída por uma objetivação. E a manutenção do poder se verifica no discurso hegemônico e nele (no discurso) se verifica, através de uma fundamentação doutrinária e da construção de uma religião universalizante, o escanteio de todas as outras religiões. Outro fato relevante, as mulheres mostram um temor maior aos espíritos o que pode ser constatado pelo fato das religiões espiritualistas serem as mais citadas como religião má. As respostas das mulheres que revelam esse temor trazem menos justificativas do que as usadas pelos homens para rejeitarem as cristãs de fronteira e o catolicismo, que é o grupo religioso mais citado pelos homens.

Verifica-se no discurso dos dois sexos que as religiões afro-indígena-brasileiras só fazem trabalhos voltados para o mal, mostrando preconceito desses grupos em relação às religiões afro-indígena-brasileiras. Nota-se assim, que é inabalável a percepção que essas religiões fazem do mal, pois as inferências e percepções religiosas desse grupo vão além de uma realidade social.

Em relação à demonização ou diferenças religiosas, percebe-se a diferença de respostas categorizadas como demonização ou diferenças religiosas: as mulheres dão 20 respostas, enquanto os homens dão 11 respostas revelando que possivelmente o grupo das mulheres seja mais sectário, mostrando assim uma maior polarização: Diabo e Deus. Esse possível sectarismo pode ser explicado: pelo fato das mulheres terem uma socialização mais conservadora, fruto de uma sociedade que impõe mais regras e limites morais às mulheres. Outro aspecto interessante é que só as religiões afro-indígena-brasileiras são demonizadas, o que revela uma nítida aversão a essas religiões.

Em relação à presença de respostas a pergunta “O que é preconceito?” categorizadas como ausência de manifestação explícita de preconceito como também a presença de respostas que pregam a compaixão aos indivíduos de outras religiões, pode-se perceber que há o respeito interpessoal, mesmo que não haja o intergrupar.

As respostas categorizadas como exclusão só apontam para uma religião a desses grupos: a evangélica, o que revela o sectarismo desse grupo de religiosos e religiosas.

Em relação às respostas categorizadas como preconceito litúrgico a frequência delas é muito baixa, é a penúltima frequência, mostrando que esses grupos se esquivam de falar das particularidades de outras religiões.

A menor frequência de respostas é encontrada nas respostas categorizadas como preconceito cultural o que revela que as culturas que compõem as religiões afro-indígena-brasileiras não são alvos principais dos participantes desses grupos de evangélicos e evangélicas.

9.1 COMPARAÇÃO DOS DISCURSOS DOS RESPONDENTES DO QUESTIONÁRIO COM OS DISCURSOS DOS ENTREVISTADOS

Preconceito Teológico

Em ambos os momentos - do questionário e da entrevista - o preconceito teológico está em primeiro lugar, em termos de frequência de respostas, revelando, por parte desse grupo, um apego aos fundamentos ou símbolos de sua religião. Pode-se concluir que esse apego é um olhar para o próprio umbigo, pois esses grupos citam seus próprios fundamentos, mesmos quando são perguntados sobre outras religiões. Só ocorreu um desvio desse padrão na entrevista quando se nominou as religiões afro-indígena-brasileiras, assim como as entidades dessas religiões e se fez perguntas sobre elas. Esses grupos se possível esquivam-se de descrever outras religiões. Essa característica é comum aos dois grupos: o do questionário e o da entrevista, mas se verifica mais no grupo do questionário.

Intolerância Religiosa

A intolerância religiosa, que é a não aceitação de outras religiões com justificativas claras, revela a mesma face do preconceito teológico. Não há informação acerca das religiões afro-indígena-brasileiras. Mesmo que se especifique candomblé, umbanda e jurema, de forma a ficar claro para ambos os grupos de que religião está se falando, a intolerância religiosa aparece no questionário com o percentual maior do que aparece do grupo da entrevista.

Preconceito cultural

Esta categoria obteve uma frequência muito baixa tanto nas respostas dos participantes que responderam aos questionários como nas entrevistas, o que não levou a um contraste expressivo entre os dois grupos.

Demonização ou diferenças religiosas

O percentual de respostas categorizadas como demonizadoras do grupo do questionário foi inferior ao da entrevista.

Erro conceitual

O questionário apresenta um número percentual expressivamente menor nas respostas categorizadas como erro conceitual do que o da entrevista, o que pode estar ligado à pergunta do questionário ser uma só, o que levaria a um não desdobramento na resposta à pergunta do questionário, acarretando assim numa limitação de inferência por parte desse grupo maior.

Ausência de Manifestação Explícita de Preconceito

Ao grupo maior (do questionário) não houve uma pergunta: preconceito religioso é...? o que leva a crer que o grupo manteve uma postura defensiva e logo se repara a aversão às religiões afro-indígena-brasileiras. Outra tentativa de responder é perceber que a ausência de preconceito se constitui numa atitude a favor ou neutra em relação às religiões afro-indígena-brasileiras. Tal atitude é mais fácil de observar na entrevista por esta tratar de vários detalhes das religiões, aos quais, os participantes podem não apresentar um preconceito explícito, o que não se observa no questionário, que consta de uma só pergunta, sem espaço para nuances, que busca uma opinião acerca dessas religiões,

fazendo com que os participantes busquem nos símbolos de sua própria religião os fundamentos para rejeitar as religiões afro-indígena-brasileiras revelando assim seu preconceito.

9.1.1 DISCUSSÃO DA COMPARAÇÃO ENTRE OS DISCURSOS DOS RESPONDENTES DO QUESTIONÁRIO E DA ENTREVISTA

A maior frequência das respostas categorizadas como preconceito teológico tanto na entrevista quanto no questionário leva à suposição de que há um grande apego por parte desses grupos aos fundamentos e há também uma objetivação da fé. Essas recorrentes citações dos próprios fundamentos, principalmente no grupo do questionário, revelam que esses grupos procuram não descrever outras religiões.

O maior percentual de respostas categorizadas como intolerância religiosa no grupo do questionário do que no grupo da entrevista, revela que o grupo maior (do questionário) tem menos justificativa que o grupo da entrevista. Uma possibilidade de explicação para essa diferença está em que no grupo da entrevista, em termos percentuais, há um número maior de pessoas com Ensino Superior e com ensino médio o que leva a supor que talvez esse grupo tenha mais informações. Outra possível explicação é que a entrevista faz a conversa ser mais fluida, e a resposta de um entrevistado cria subsídio para a resposta do entrevistado seguinte.

Em relação às respostas categorizadas como preconceito cultural tanto da entrevista quanto do questionário, pode-se, dizer que há uma certa uniformidade entre os discursos dos dois grupos, e afirmar também que as culturas que compõem as religiões afro-indígena-brasileiras não são alvo de preconceito por parte desse grupo de evangélicos e evangélicas.

Em relação às respostas categorizadas como demonizadoras ou contendo diferenças religiosas, o percentual maior dessas respostas na entrevista do que no questionário talvez seja explicado pelo caráter mais fluido e de maior interação e pela presença de outros religiosos na entrevista, que possivelmente levaram as pessoas a responder de forma mais emocional e também a se sentirem mais impelidas pela força do grupo a ter uma atitude

mais incisiva do que no questionário, situação na qual as pessoas estão respondendo de forma individual, não em grupo, e também têm mais tempo para pensar antes de responder.

Em relação ao questionário apresentar um número percentual expressivamente menor nas respostas categorizadas como erro conceitual do que o da entrevista uma possível explicação é o menor grau de instrução dos participantes do questionário, e talvez menos informação, o que explicaria a postura de fuga tanto das justificativas como também da descrição o que leva a uma menor frequência de erros.

O grupo do questionário apresenta o percentual de respostas categorizadas como ausência de manifestação explícita de preconceito de 2% e o grupo de entrevista de 12%. Esta grande diferença percentual, revela que a pergunta da entrevista “preconceito religioso é”, pergunta ausente na pergunta do questionário, armou o grupo da entrevista que na respostas a esta pergunta não demonstrou nenhum preconceito. O mesmo não se observou com o grupo do questionário.

10 DISCUSSÃO FINAL

Para finalizar a discussão, apresenta-se uma ponte breve com o referencial teórico, e verificaram-se, também, os objetivos propostos à luz do material obtido e das análises realizadas.

A partir da perspectiva de discurso e da idéia apresentada na secção de referenciais teóricos, de que a religião não é dada e sim uma realidade social construída, como veem Durkheim (1912) e Berger e Luckmann (1985), que pode ser analisada pelos seus aspectos sociais, infere-se que o discurso hegemônico desse grupo pode ser um meio de exclusões (relatadas na fundamentação teórica, nas análises e discussões) sofridas pelas religiões afro-indígena-brasileiras. Fazendo outra ponte com a teoria que foi vista no referencial teórico, pode-se afirmar que na manutenção do poder, através do controle do discurso seguindo a perspectiva de Teun A. van Dijk (2008): de que o discurso controla mentes e as mentes controlam a ação é que se verifica o escanteio de todas as religiões-afro-indígena-brasileiras junto com suas resistências e diferenças (que são relatadas no decorrer da fundamentação teórica). E essa religião estigmatizada fica de pé diante de uma nação cristã que privilegia valores que se opõem à religião afro-indígena-brasileira.

Em relação ao objetivo de verificar os argumentos de exclusão e preconceito relacionados à religiosidade afro-indígena presente nos discursos, várias afirmações podem ser feitas seguindo a sequência das frequências relativas às respostas categorizadas mais expressivas, em termos de frequência e como prática social.

As fundamentações das respostas categorizadas como preconceito teológico permitem o escanteio das religiões afro-indígena-brasileiras, pois, essas fundamentações têm um forte caráter excludente porque constroem uma religião universalizante que coloca à margem todos que fogem desse modelo religioso, e por fugir muito desse paradigma religioso, as religiões afro-indígena-brasileiras são extremamente excluídas.

Em relação às respostas categorizadas como erro conceitual ou desinformação verificam-se também os argumentos de exclusão e preconceito, pois os erros conceituais ou desinformação são reveladores no que tange aos distanciamentos do grupo evangélico entrevistado em relação às religiões afro-indígena-brasileiras, pois este grupo quando tenta descrever as religiões brasileiras de matriz africana e indígena incorre em vários erros conceituais.

As respostas categorizadas como demonização ou diferenças religiosas são argumentos de exclusão e preconceito que vão além de uma realidade social, como já foi mencionado, pois essas respostas transferem para o mundo espiritual todo o mal atribuído às religiões afro-indígena-brasileiras.

As respostas categorizadas como preconceito a diversidade sexual são sumárias em relação à exclusão e preconceito, não há espaço na perspectiva desse grupo para homossexuais. O que revela um grande distanciamento com as religiões afro-indígena-brasileiras que não têm uma prescrição rígida contra os grupos LGBTTT.

Em relação ao objetivo de verificar as confluências e contrastes no discurso dos dois sexos a respeito das religiões afro-indígena-brasileiras serão realizadas várias assunções discorrendo sobre as semelhanças entre os dois grupos e as diferenças.

As confluências: Os fundamentos ou os símbolos mencionados pelas mulheres são os mesmos da fala dos homens e outra convergência os dois sexos apresentam uma maior frequência de respostas categorizadas como preconceito teológico. Outra convergência que vale ser citada é que os dois sexos só demonizam as religiões afro-indígena-brasileiras.

Os contrastes: as mulheres desse grupo são mais intolerantes em relação às religiões afro-indígena-brasileira em comparação com os homens, pois em termos percentuais citam mais as religiões afro-indígena-brasileiras como más do que os homens. Outro aspecto da maior intolerância das mulheres desse grupo de religiosos, elas demonizam muito mais as religiões afro-indígena-brasileiras do que os homens e quando citam as religiões más, as religiões mais citadas pertencem ao grupo das espiritualistas que são as espíritas e as afro-indígena-brasileiras, verificações que revelam tanto o temor maior às religiões afro-indígena-brasileiras nas mulheres do que o que foi verificado nos homens quanto à irracionalidade desse temor, pois o temor aos espíritos e aos demônios são declarados com menos justificativas do que, por exemplo, as que foram encontradas nas rejeições dos homens aos cristãos de fronteira.

A discriminação maior por parte das mulheres às religiões afro-indígena-brasileiras é uma refutação à essas religiões que, durante a entrevista, não surgiu a sua justificativa, mas pode-se levantar a possibilidade de que o grupo, ou algumas das participantes do grupo, tenham vindo das religiões afro-indígena-brasileiras.

Em relação à emergência de contra discurso se verificou que não surgiram discursos contrastantes de modo que se percebeu a presença de um só tipo de discurso sem se notar contestações a esse discurso.

O que primeiro chama atenção na análise das entrevistas de homens e mulheres evangélicas é o apego que esses dois grupos têm com os seus símbolos ou fundamentos como Jesus, palavra sagrada e bíblia, que são recorrentemente utilizados nas respostas categorizadas como preconceito teológico para justificar a escolha das religiões consideradas más por esses grupos. Outro aspecto interessante é que as respostas categorizadas como preconceito cultural apresentaram a menor frequência de respostas revelando que a cultura africana e indígena não é o alvo principal das críticas.

Talvez muita coisa do resultado da pesquisa tenha convergido com o senso comum, como, por exemplo, a ideia propagada de que os evangélicos são fundamentalistas, intolerantes com as outras religiões e seguem um receituário único que uniformiza o discurso. Mas, mesmo que tenha havido pontos coincidentes com o que é falado e escrito sobre os evangélicos, há aspectos interessantes verificados por esta pesquisa, como, por exemplo, a constatação de que quando esse grupo de evangélicos é solicitado a definir preconceito, na entrevista, eles demonstram dois pólos possíveis (nas respostas

categorizadas como ausência de manifestação explícita de preconceito): uma sincera compaixão ou a mesma perspectiva de superioridade com os indivíduos de outras religiões realizada pelos colonizadores citada na introdução.

A desinformação a respeito das religiões brasileiras de matriz indígena e africana fica evidente, em várias respostas, quando os participantes da entrevista procuram definir as religiões afro-indígena-brasileiras, como se verificou nas respostas categorizadas como preconceito litúrgico e desinformação ou erro conceitual. Pode-se depreender tanto da desinformação a respeito das religiões afro-indígena-brasileiras quanto do fato desse grupo de mulheres e homens evangélicos citarem mais as religiões afro-indígena-brasileiras, fato verificado, quando somada a frequência de religiões citadas pelos dois sexos, que estes participantes temem aquilo que eles não conhecem, de modo que desse fato se conclui que o preconceito, por parte desses participantes, dirigido às religiões brasileiras de matriz indígena e africana, é muito mais emocional do que racional.

Outro aspecto que vale ser comentado é a uniformidade de discurso entre a entrevista e a resposta à pergunta discursiva do questionário: “O que você pensa sobre as religiões-afro-indígena-brasileiras (candomblé, umbanda, jurema, etc)?” Nos dois discursos se encontrou mais respostas categorizadas como preconceito teológico, revelando e confirmando que os símbolos ou fundamentos são muito mencionados por esses grupos (o da entrevista e o do questionário).

Como foi apresentado na justificativa do presente trabalho, na pesquisa realizada em periódicos (CAPES, SCIELO), um pequeno número de trabalhos que abordavam o tema das religiões afro-brasileiras na perspectiva do discurso. Quando se utilizou os descritores “religiões afro-brasileiras” e “discurso” nas bases de dados SCIELO e Periódicos Capes encontrou-se os trabalhos de Sansi (2009) e Segato (2003). Nenhum artigo sobre o discurso de religiosos acerca das religiões de matriz africana e indígena foi encontrado.

Em relação ao aprofundamento da presente pesquisa, pode-se indicar a comparação do discurso obtido acerca das religiões afro-indígena-brasileiras com o discurso de outros grupos religiosos e verificar o contraste entre esses discursos, de modo que, além de se analisar mais de um discurso, pode-se compará-los, obtendo assim mais material e perspectivas.

Em relação às características da presente pesquisa é preciso levar em consideração que os discursos analisados são característicos da amostra pesquisada. Esta, contava em

sua maioria com pessoas que só tinham até o ensino médio o que pode ser revelador de algumas dificuldades em justificar os fundamentos das outras religiões. O fato da média de idade da amostra ser de 40 anos, talvez justifique uma resposta mais conservadora. Destaca-se o fato de que, os participantes, mesmo se declarando negros e pardos demonstrem preconceito com as religiões de matriz indígena e africana. Talvez esse fato se dê por conta da força do ideário religioso pentecostal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, L. A. *Práticas educativas-religiosas dos índios potiguara da Paraíba*. 2005, 335 f. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. 11. Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BIRMAN, P. *Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo*. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 2, Aug. 2005.

BOFF, L. **Espiritualidade: Um caminho de transformação**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CAMINO, T.; VAZ, J. *Candomblé: Construção de um Espaço para as Minorias*. GNERRE, M. L. A. (Org.) **História das religiões: temas e reflexões**. João Pessoa, Ed. UFPB, 2012.

DIAS, I.; ANDRADE, R. S. *Distâncias e Proximidades entre Neopentecostalismo e Religiões Afro-indígena-brasileiras: A Constituição Social do Sentido*. **Sacrilegens**, v.8, n.1, p.129-147 dez/2011. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2011/02/8-10.pdf> > Acesso em 14/11/2012.

DIJK, T. A. V. **Discurso e poder**. Hoffnagel, J. & Falcone, K. (Org.) São Paulo: Contexto, 2008.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Ed. 4º. Trad. PolaCivelli. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERGEN, K. J. *O Movimento do Construcionismo Social na Psicologia Moderna*. **INTERthesis**, v. 06, n. 01, 2009. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/18071384.2009v6n1p299/10807>.

MACHADO, M. D. C. O pentecostalismo e as mulheres. 2010. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3212&secao=329> Acesso em 03/09/2013. Entrevista concedida a Graziela Wolfart.

MANDARINO, A.C.S; GOMBERG, E (Org.). **Leituras Afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúdes**. São Cristóvão: Editora UFS; EDUFBA, 2009.

MISOCZKY, M. C. Análise crítica do discurso: Uma apresentação. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v.3, n.2, p. 125-140, mai/ago 2005. Disponível em: www.revista.ufpe.br/gestaoorg/index.php/gestao/article/viewFile/57/48> Acesso em 14/11/2012.

NOGUEIRA, C. *A análise do discurso*. In: ALMEIDA, L.; FERNANDES, E. (Org.). **Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação**. Braga: CEEP, 2001.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

PARÉS, L. N. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANSI, Roger. "Fazer o santo": dom, iniciação e historicidade nas religiões afro-brasileiras. *Anál. Social*, Lisboa, n. 190, 2009. Disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732009000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 Mar. 2011.

SANTOS, M. L. O. *Raça e religião: uma análise psicossocial dos discursos acerca das religiões afro-indígena-brasileiras*, 2010. 134f. Dissertação (Mestrado) -Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SCOTT, J. **Gender: a useful category of historical analyses**. In: *Gender and the Politics of History*. New York, Columbia University Press. 1989.

SEGATO, Rita. Género, política e hibridismo en la transnacionalización de la cultura Yoruba. *Estud. afro-asiát.*, Rio de Janeiro , v. 25, n. 2, 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101546X2003000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Mar. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2003000200006>.

SILVA, V. G. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005a.

SOUSA FILHO, A. *Por uma teoria construcionista crítica*. **Bagoas**. Natal, v. 1, n. 1, p. 27-59, jul./dez. 2007.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VILHENA, M. A. **Ritos: Expressões e propriedades**. São Paulo: Paulina, 2005.

WILGES, I. **Cultura Religiosa: As religiões no mundo**. Petrópolis – RJ, Vozes, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa é sobre as religiões e está sendo desenvolvida por Tiago Felipe dos Santos Camino, aluno do mestrado em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. José Vaz Magalhães Neto.

O objetivo do estudo é conhecer o discurso de religiosos evangélicos e católicos sobre religiões não cristãs.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o entendimento do discurso produzido e coletar informações que podem ser utilizadas na produção de material esclarecedor em relação ao tema da pesquisa.

Solicitamos a sua colaboração para participação na entrevista e para responder ao questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos acadêmicos e revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, sua identidade será mantida em sigilo. Informamos que esta pesquisa não oferece riscos previsíveis para a sua saúde.

Não há nenhum risco físico proveniente da pesquisa, podendo haver algum desconforto para os que não gostem de falar sobre religião. Para contornar esse tipo de situação se faz o seguinte esclarecimento abaixo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com (a) pesquisador (a) TIAGO FELIPE DOS SANTOS CAMINO pelo endereço eletrônico: tiagofcamino@yahoo.com.br

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO**INSTRUÇÕES**

As alternativas que apresentarem um traço contínuo ao lado indicam que você deve complementar a informação.

Ex.: () Não (X) Sim _____.

Não é importante saber o seu nome, mas gostaríamos que você respondesse com sinceridade TODAS as perguntas seguintes:

1 – a) Idade: _____ anos. Sexo: _____.

b) Nível de escolaridade: () Fundamental () Médio () Superior

c) Você se define como (marque apenas uma alternativa):

() branco(a) () negro(a) () indígena () pardo(a) () outro(a) _____.

2 – Local de nascimento: _____ UF: _____

3 – Você reside no município de _____

4 – Você é (marque apenas uma alternativa):

() Solteiro(a) () Casado(a)

() Outro(viúvo, separado, união estável) : _____.

5 – Caso trabalhe, seu salário é igual a (marque apenas uma alternativa):

() Menos de 1 salário mínimo () Mais de 3 salários mínimos

() 1 salário mínimo () Não recebe salário

() 1 a 3 salários mínimos () Não trabalho

6 – Qual a renda total da sua família (marque apenas uma alternativa)?

() 1 salário mínimo () Mais de 3 salários mínimos

() 1 a 3 salários mínimos () Sem renda fixa ****continua atrás...**

7 – Você se considera:

() Evangélica(o)/Protestante. De qual igreja? _____

() Participa também de outra religião? Qual? _____

8- O que você pensa sobre as “religiões afro-indígena-brasileiras” (candomblé, umbanda, jurema, etc)?

Obrigado!

APÊNDICE C – MODELO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Vocês entendem que há religiões boas e más? Por quê?
- 2) Expliquem e exemplifiquem religião má.
- 3) Expliquem e exemplifiquem religião boa.
- 4) A melhor religião para o povo brasileiro é...
- 5) As religiões devem aceitar as pessoas independentemente de sua condição econômica, cor, orientação sexual? Por quê?
- 6) O que lhes vem à cabeça quando se fala em candomblé?
- 7) O que lhes vem à cabeça quando se fala em catimbó?
- 8) O que é para vocês Religião afro-indígena-brasileira?
- 9) O que vocês pensam quando se fala em iemanjá, preto velho, caboclo, pombagira e exu?
- 10) Preconceito religioso é...
- 11) Vocês gostariam de falar algo mais sobre o que conversamos?